

Título do original russo

A.P. TCHEKHOV POLNOIE SOBRANIE SOTCHINENII
Gosudarstvennoiê Isdatelstvo Khodogestvvennoi
Literaturi Moska 1946-1951

Tradução e notas
Gabor Aranyi

Preparação
Ronaldo Antonelli (*A gaivota e O tio Vania*)
e
Maria Cristina Guimarães (*As três irmãs e O jardim das cerejeiras*)

Todos os direitos desta tradução reservados a
G. ARANYI LIVROS ME
EDITORA VEREDAS
Al. Dos Bicudos, 7 – Alpes da Cantareira
07600-000 – Mairiporã-SP – Brasil – Fone: 485-1764 (011)

1994

O JARDIM DAS CEREJEIRAS

Comédia em quatro atos

1903-1904

PERSONAGENS

RANIEVSKAIA, LIUBOV ANDREIEVNA, *proprietária de terras*
ÂNIA, *sua filha de dezessete anos*
VÁRIA, *sua filha adotiva de vinte e quatro anos*
GAIEV, LEONID ANDRÊIEVITCH, *irmão de Ranievskaia*
LOPAKIN, IERMOLAI ALEKSÊIEVITCH, *comerciante*
TROFÍMOV, PIOTR SERGUÊIEVITCH, *estudante*
SIMEONOV-PICHTCHIK, BÓRIS BORÍSOVITCH, *proprietário de terras*
CHARLOTTA IVANOVNA, *preceptora*
EPIKHODOV, SEMION PANTELEIEVITCH, *contador*
DUNIACHA, *criada*
FIRS, *velho criado de oitenta e sete anos*
IACHA, *jovem criado*
Um jovem andarilho
O chefe dos correios
Convidados, criadagem

A ação se passa na propriedade de Liubov Andreievna Ranievskaia.

PRIMEIRO ATO

O “quarto das crianças”, como ainda é chamado. Uma das portas dá para o quarto de Ânía. Alvorada cinzenta, mas o sol logo irá surgir. É o mês de maio; lá fora as cerejas estão em flor, mas ainda faz frio no jardim, e sopra um vento matinal. As vidraças estão fechadas.

Entram Duniacha empunhando uma vela e Lopakhin com um livro na mão.

LOPAKHIN Bem, graças a Deus, o trem finalmente chegou. Que horas são?

DUNIACHA Logo serão duas. *(Apaga a vela.)* Já está amanhecendo.

LOPAKHIN Quanto atrasou o trem afinal? Umas duas horas, pelo menos. *(Boceja e se espreguiça com um gesto largo.)* Também, sou um palerma, venho até aqui para buscá-los na estação e aí durmo e perco a hora...Dormi sentado! Caramba! Ao menos você podia ter me acordado!

DUNIACHA Mas se eu pensava que o senhor já tinha saído há tempo para recebê-los! *(Escuta.)* Ouça – parece que estão chegando.

LOPAKHIN *(Escuta também)* Ah, que nada. Até receberem as malas, mais isso mais aquilo, leva um bom tempo. *(Pausa.)* A nossa Liubov Andreievna passou exatamente cinco anos no estrangeiro – será que mudou muito?... Era uma pessoa muito boa, cordial e tão simples! Ainda guardo na memória: eu era rapazote ainda, talvez tivesse uns quinze anos. Meu falecido pai, que Deus o tenha, me acertou na cara, comecei a pôr sangue pelo nariz. Não estava lá muito sóbrio, o meu velho. Ele tinha uma loja na aldeia e nós estávamos de passagem aqui na propriedade, tratando de algum negócio. E Liubov Andreievna – aí como ela era jovenzinha então, meu Deus, e delgada e magrinha! – me segurou a mão e me trouxe aqui, no quarto das crianças direto para o lavatório. “Não chore, seu camponesinho”, disse, “quando casar sara”.

(Pausa.) Camponesinho... meu pai era camponês, é verdade, mas eu uso colete branco e sapato amarelo. Como um porco fossando numa confeitaria... Tenho dinheiro de sobra, mas, verdade seja dita, mesmo assim continuo um camponês. (Folheia o livro.) Este livro por exemplo: me ponho a lê-lo e não entendo patavina... Adormeci enquanto lia. (Pausa.)

DUNIACHA Os cães latiram a noite toda; decerto sentiram que os donos logo estariam de volta...

LOPAKHIN Duniacha, o que você tem? Está tão...

DUNIACHA Não sei... Minhas mãos tremem... Como se eu fosse desmaiar...

LOPAKHIN Você parece uma dondoca, Duniacha; está tão enfeitada quanto uma dama... e esse penteado! Está vendo, isso não se deve fazer. Não se deve nunca esquecer o que se é.

Entra Epikhodov com um ramallete de flores. Está de jaqueta e calça botas de cano longo novinhas em folha, que rangem a cada passo. Mal entra, deixa cair o ramallete.

EPIKHODOV (Recolhe o ramallete) O jardineiro mandou e disse para colocá-las num vaso na sala de jantar. (Entrega o ramallete a Duniacha.)

LOPAKHIN E traga-me um copo de kvas.

DUNIACHA Já trago. (Sai.)

EPIKHODOV Faz muito frio lá fora, três graus, e as cerejeiras estão em plena floração! Eu não consigo mesmo me habituar a esse nosso clima. (Suspira.) Não consigo, é impossível. Veja só, Iermolai Aleksêievitch, não me queira mal por incomodá-lo, mas comprei anteontem este par de botas e elas rangem de forma tão insuportável...

Com o que se deve untá-las? Se fizesse a gentileza de me dar uma sugestão...

LOPAKHIN Deixe-me em paz.

EPIKHODOV Comigo sempre acontece uma desgraça! Já não me incomodo mais, me acostumei... apenas rio dela. (Volta Duniacha, traz o kvas para Lopakhin.) Já vou indo. (Tropeça numa cadeira, que cai) Está vendo! (Com ar quase triunfante.) Então não disse? Não é simplesmente incrível? Perdoe-me pela expressão pouco modesta. É simplesmente, verdadeiramente, inacreditável. (Sai.)

DUNIACHA Iermolai Aleksêievitch, acho que ao senhor posso contar: esse Epikhodov me pediu a mão.

LOPAKHIN É mesmo?

DUNIACHA E agora eu não sei... pois o coitado é um rapaz tão bom e tranqüilo, mas diz cada coisa sem pé nem cabeça, que me funde a cuca. O que ele diz é bonito e revela bons sentimentos, apenas não dá para entender patavina. E olhe, nem mesmo é um rapaz mal-apanhado. E está louquinho por mim. Se não fosse tão atrapalhado... sempre lhe acontece algo. Por isso nós o chamamos de "Senhor Desgraça".

LOPAKHIN (Escuta) Mas agora parece que estão mesmo vindo!

DUNIACHA Realmente! Ai... o mundo está todo girando... e fiquei gelada...

LOPAKHIN Chegaram! Vamos recebê-los. Ela me reconhecerá? Não nos vemos há cinco anos!

DUNIACHA (Excitada) Vou desmaiar...Estou tonta...
Ouve-se o ruído de dois coches estacionando diante da casa. Lopakhin e Duniacha saem apressadamente. Por um momento a cena fica vazia. Um barulho chega do quarto contíguo. O velho criado, Firs, que foi receber sua patroa na estação, atravessa a cena com passos curtos,

apoiado numa bengala. Veste um libré surrado e uma cartola. Balbucia frações de palavras ininteligíveis. Atrás do palco a balbúrdia vai crescendo. Uma voz: “Por aqui, por favor, por aqui!”

Entram em cena: Liubov Andreievna, Ánia e Charlotta Ivanovna, que traz um cachorrinho preso a uma corrente. As três vestem roupas de viagem. São seguidas por Vária, com um lenço na cabeça, Gaiev, Simeonov-Pichtchik, Lopakhin, Duniacha, com uma valise e um guarda-chuva, e criadas carregando malas. Todos atravessam o “quarto das crianças”.

ÁNIA Por aqui. Mãezinha ainda se lembra que quarto é este?

LIUBOV ANDREIEVNA (feliz, em meio às lágrimas) O quarto das crianças!

VÁRIA Que frio está fazendo, tenho as mãos congeladas. (A Liubov Andreievna.) Os dois quartos da senhora, mãezinha, o branco e o cor de violeta, estão exatamente como a senhora os deixou.

LIUBOV ANDREIEVNA O quarto das crianças! O meu querido, o meu maravilhoso quarto das crianças!... Eu dormia aqui quanto era menina. (Chora.) E ainda sou como uma criança. (Beija o irmão, em seguida a Vária, de novo o irmão.) E a nossa Vária também continua a mesma, como uma freirinha... Também a Duniacha reconheci imediatamente... (Beija Duniacha também.)

GAIEV O trem atrasou exatamente duas horas, não é? Bela situação.

CHARLOTTA (a Pichtchik) Meu cachorrinho come até nozes!

PICHTCHIK (admirado) Imagine só! (Saem todos, à exceção de Ánia e Duniacha.)

DUNIACHA Mal agüentamos esperá-los... (Ajuda a tirar o casaco e o chapéu de Ánia.)

ÁNIA Não dormi quatro noites durante a viagem... Estou totalmente enrijecida...

DUNIACHA Quando a senhora foi embora havia neve por todo lado e que frio! Em plena Quaresma! E agora... ai querida senhorinha! (Rindo e beijando Ánia pelo rosto todo.) Ai, não pode imaginar com que entusiasmo esperava a sua chegada, minha queridinha, minha luz, minha flor... Vou logo dizendo, não agüento esperar nem mais um minuto...

ÁNIA (cansada) Outra vez algo...

DUNIACHA Epikhodov, o contador, pediu a minha mão na Páscoa!

ÁNIA Sempre a mesma história... (Alisa o cabelo.) Perdi todos os grampos... (Mal se sustenta em pé de cansaço.)

DUNIACHA Não sei o que pensar...Ele me ama, está muito apaixonado.

ÁNIA (olha para a porta, com voz enternecida) O meu quatinho, a minha janelinha. Como se nem os tivesse deixado... finalmente estou aqui de novo... em casa!... Amanhã bem cedo me levanto e corro para o jardim... Se pudesse finalmente dormir agora... Estava tão excitada durante toda a viagem... A preocupação me consumia...

DUNIACHA Anteontem chegou também Piotr Serguêievitch, viu?

ÁNIA (alegre) Pétia?

DUNIACHA Nós o acomodamos na casa de banhos, ele passa lá o dia todo e dorme lá também. Não quer incomodar ninguém, diz ele (Consulta o relógio de bolso.) Na verdade deveríamos acordá-lo agora, mas a senhorita Vária nos proibiu de fazer isso. “Não vá acordá-lo, hem”, disse ela.

Entra Vária, com molho de chaves preso na cintura.

VÁRIA Duniacha, traga café, rápido. Mãezinha pediu.

DUNIACHA Já nem estou aqui! *(Sai.)*

VÁRIA Graças a Deus vocês chegaram...Estão de novo em casa. Em casa, minha alminha. Em casa, meu encanto...

ÂNIA Saí daqui domingo de Páscoa, fazia muito frio. Tive muitos problemas.

VÁRIA Imagino!

ÂNIA E ainda por cima essa Charlotta! Não parou de falar durante a viagem inteira e atormentava a todos com seus velhos truques de carta! Por que você me obrigou a levá-la?

VÁRIA Eu não podia deixar você fazer essa grande viagem sozinha! Uma criança de dezessete anos!

ÂNIA Então imagine: chegamos em Paris. Primeiro: fazia um frio terrível. Segundo: naturalmente os meus conhecimentos de francês me abandonaram por completo. Mãezinha morava no quarto andar, chegamos lá, ela estava com visitas: franceses de todo tipo, diversas senhoras e um velho padre com seu livro de reza, fumaça de cigarro; foi muito desagradável. De repente tive tanta pena da pobre mãezinha. Tomei seu rosto entre as mãos, apertei-a em meus braços e não quis soltá-la mais. E ela apenas me acariciava, me acariciava em silêncio e chorava baixinho...

VÁRIA *(entre lágrimas)* Ai, não me conte... Não me conte mais nada.

ÂNIA A essa altura já tinha vendido há muito a casa de campo em Menton e não lhe restava nada, mas nada mesmo. A mim tampouco sobrara um único copeque, e foi um milagre divino termos conseguido de algum modo voltar para casa. E além disso mãezinha não faz a mínima idéia sobre nada...Lá estamos nós sentados no carro-restaurante para comer alguma coisa, e é claro que ela pede logo o

prato mais caro e dá um rublo de gorjeta a cada um dos garçons. Charlotta e o infame do lacha tampouco se incomodam com os gastos. É terrível! lacha é o novo lacaio, pois mãezinha também contratou um. Nós o trouxemos conosco.

VÁRIA Vi a sua cara de malandro.

ÂNIA E aqui em casa, quais são as novas? Vocês pagaram os juros?

VÁRIA Muito longe disso.

ÂNIA Meu Deus, meu Deus...

VÁRIA Em agosto a propriedade será leiloadada...

ÂNIA Ai, meu Deus...

LOPAKHIN *(assoma a cabeça à porta e dá balidos)* Me-e-e-e... *(Logo se retira.)*

VÁRIA *(entre lágrimas, ameaça Lopakhin com o punho)* Que vontade tenho de dar-lhe uma sova!

ÂNIA *(abraça Vária; em voz baixa)* Em que pé vocês estão? Ele já lhe pediu a mão? *(Vária move a cabeça negativamente.)* Mas ele a ama... Porque vocês não conversam sobre isso? Estão esperando o quê?

VÁRIA Creio que não vai dar em nada. Ele tem tanta coisa para fazer, nem se lembra de mim... que vá com Deus... Mas aqui todos falam que Lopakhin pedirá a minha mão, casará comigo... me dão os parabéns... ilusão...*(Mudando de tom.)* Olhe só, que broche você tem! Parece uma abelhinha!

ÂNIA *(triste)* Foi mãezinha quem comprou. *(Dirige-se a seu quarto, e repentinamente está de novo alegre como uma criança.)* Sabe, em Paris eu cheguei a andar num balão dirigível!

VÁRIA Chegou a minha alminha! Chegou o meu encanto! (*Duniacha retorna com uma cafeteira e está preparando o café.*)

VÁRIA (*da porta*) Eu nesse corre-corre pela casa o dia todo... com a cabeça longe... Vivo especulando como poderia arrumar-lhe um marido bom e rico. Então me sentiria finalmente tranqüila, poderia até tornar-me freira ou ir em peregrinação a Kiev ou a Moscou...que beleza não seria...andar...errar pelos lugares sagrados...

ÂNIA Os pássaros já estão cantando lá fora, no jardim! Que horas são?

VÁRIA Vai bater três daqui a pouco. Está mais do que na hora de você dormir, queridinha. (*Entram no quarto de Ánia. Aparece lacha com um cobertor e uma valise de viagem.*)

IACHA (*atravessa a cena; com afetação*) Permita-me atravessar por aqui?

DUNIACHA lacha! O senhor está irreconhecível! Como mudou lá no estrangeiro!

IACHA Hum...Posso saber quem é a senhora?

DUNIACHA Quando o senhor saiu daqui eu ainda era pequenina assim... (*Mostra com as mãos o tamanho.*) Sou Duniacha, filha de Fiodor Kozoiédov. Então, não se lembra mesmo?

IACHA Hum... Fruta fresca e durinha! (*Olha ao redor, depois abraça Duniacha. A moça solta um grito e deixa cair o pires. lacha se vai, apressado.*)

VÁRIA (*da porta, irritada*) O que há, agora?

DUNIACHA (*com voz chorosa*) Quebrei um pires!

VÁRIA Louça nova trás boa sorte.

ÂNIA (*sai do quarto*) Devíamos preparar a mãezinha: Pétia está aqui.

VÁRIA Não acordei Pétia de propósito.

ÂNIA (*pensativa*) Faz seis anos que paizinho morreu, e pouco mais de um mês depois Gricha, meu querido irmãozinho, se afogou no rio...Tinha sete anos... Um menino tão bonito... Mãezinha não pôde suportar a dor, fugiu daqui... para bem longe!... (*Tem um estremecimento.*) Se ela soubesse como a compreendo! (*Pausa.*) Pétia Trofimov foi preceptor de Gricha, e isso fará com que num instante todo o passado volte à cabeça de mãezinha!

Entra Firs, de fraque e colete branco.

FIRS (*aproxima-se da cafeteira; tem um ar preocupado.*) Madame tomará o café aqui. (*Calça as luvas brancas.*) Estão passando o café? (*Em tom severo, a Duniacha.*) Você! E onde está o creme?

DUNIACHA Meu Deus! (*Sai às pressas.*)

FIRS (*ocupado com a cafeteira*) Como ela é lenta! (*Murmurando.*) Pois então chegaram de Paris... Também o patrão ia amiúde a Paris... Mas num carro... (*Ri.*)

VÁRIA Por que você está tão bem humorado, velho Firs?

FIRS Às suas ordens! (*Alegremente.*) Chegou a patroa! Que bom ter vivido para poder ver isso! Agora já posso morrer em paz. (*Chora de contentamento.*)

Entra Liubov Andreievna, seguida por Lopakhin, Gaiev e Simeonov-Pichtchik, que veste uma bata sem mangas, feita de tecido fino, e calças largas enfiadas na bota. Entrando, Gaiev faz um movimento com os troncos e os braços, como se estivesse jogando bilhar.

LIUBOV ANDREIEVNA Como é mesmo? Espere só um pouco. Já vou me lembrar...matar duas bolas coladas direto na caçapa do fundo!

GAIEV Na caçapa do fundo! Lembra-se, querida irmãzinha...Outrora nós dois dormíamos neste quarto... e... e agora eu sou um pobre e velho bebê de cinquenta e um anos. Que estranho, não é?

LOPAKHIN Pois é, o tempo passa.

GAIEV O que disse?

LOPAKHIN Digo apenas que o tempo, infelizmente, voa.

GAIEV Que cheiro é este?

ÁNIA Vou me deitar. Boa noite, querida mãezinha. (*Beija Liubov Andreievna.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Minha filhinha adorada!... (*Beija as mãos de Ánia.*) Então, feliz por estar de novo em casa? Para mim tudo isso ainda parece um sonho.

ÁNIA Boa noite, tio Leonid.

GAIEV (*Beija Ánia no rosto e nas mãos*) Deus a abençoe, meu anjinho. Sabe quanto você se parece com sua mãe? (*A Liubov Andreievna.*) Você, Liubov, quando tinha essa idade era igual... igualzinha... (*Ánia aperta a mão de Lopakhin, depois a de Pichtchik, dirige-se ao seu quarto e fecha a porta atrás de si.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Está morta de cansaço...

PICHTCHIK Pudera... a viagem foi longa...

VÁRIA (*a Lopakhin e a Pichtchik*) Bem, senhores, são quase três horas, já é tempo de os senhores se lembrarem da boa educação.

LIUBOV ANDREIEVNA (*às gragalhadas*) Você continua a mesma, Vária. (*Puxa-a contra si e a beija.*) Bem, vou só tomar o café, depois nos recolhemos todos. (*Firs traz uma almofada e a coloca sob os pés de sua*

patroa.) Obrigada, querido. Como me acostumei ao café! Tomo-o dia e noite. Agradeço-lhe muito, meu velho. (*Beija Firs.*)

VÁRIA Vou verificar se trouxeram tudo... (*Sai.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Sou eu mesma quem está sentada aqui?... (*Sorri.*) Tenho vontade de dançar e bater palmas. (*Cobre o rosto com as mãos.*) Como se fosse um sonho... Deus é testemunha de quanto amo a minha pátria... Quanto a amo... Não podia olhar pela janela da cabine durante a viagem toda... começava a chorar... (*Entre lágrimas.*) Mas eu vou tomar este café logo. Muito obrigada, querido Firs, muito... Se soubesse, velho, como me alegro por você estar ainda vivo!

FIRS Anteontem.

GAIEV O velho ouve mal.

LOPAKHIN E eu devo tomar o trem das cinco para Kharkov... é uma pena... Gostaria tanto de ter podido conversar mais com a senhora... de contemplá-la.

PICHTCHIK (*respira com dificuldade*) Está ainda mais bonita do que antigamente... nesse belo vestido parisiense... Com os diabos, está uma beleza!

LOPAKHIN Seu irmão, Leonid Andréievitch, diz que eu sou um camponês, um sujeito bronco. Para mim tanto faz. Ele pode falar... O que importa é que eu continuo merecendo a confiança da senhora, como antigamente... e que se digne olhar para mim com esses olhos assombrosos... como antigamente!... Oh, Deus! Meu paizinho foi outrora servo de seu digno paizinho e de seu avô. Mas a senhora me fez um bem tão grande que eu esqueci tudo e gosto da senhora do fundo da alma, como a uma irmã... Mais que a uma irmã...

LIUBOV ANDREIEVNA Não sei o que está acontecendo comigo, mas não consigo ficar sentada. (*Levanta-se de um salto e anda de um lado para o outro, muito excitada.*) Não poderei sobreviver a esta sensação

de felicidade... Está bem, está bem, vocês podem rir dessa bobagem... meu velho armário querido!... (*Beija o armário.*) Minha velha mesinha querida!

GAIEV Enquanto você esteve fora a babá morreu.

LIUBOV ANDREIEVNA (*senta-se, toma o café.*) Eu sei, contaram-me nas cartas, que descanse em paz.

GAIEV Morreu também Anastasii. E o vesgo Petrucha saiu daqui e foi para a cidade. Agora é ordenança do chefe de polícia. (*Tira do bolso uma caixinha de balas. Põe-se a chupar uma.*)

PICHTCHIK Minha filha, Dachenka, manda-lhe saudações...

LOPAKHIN Eu teria algo agradável para lhe dizer, se quisesse ouvir. (*Olha para o relógio.*) Mas já tenho de partir, portanto devo falar muito rapidamente... Numa palavra, o assunto é o seguinte: como a senhora já sabe, o jardim das cerejeiras será leiloado no dia 22 de agosto. Ou seja, esse é o último prazo para liquidar as dívidas. Mas eu, ao contrário, lhe digo: não se preocupem com isso; podem dormir sossegados, pois há uma ótima solução. Rogo-lhes que prestem um pouco de atenção, ouçam o que imaginei. A propriedade dos senhores fica apenas a vinte verstas da cidade e é margeada pela estrada de ferro. Pois então! Se lotearmos o jardim das cerejeiras, e mais as terras a beira do rio, em terrenos para construção de casas de campo poderemos obter um rendimento garantido de mais de vinte e cinco mil rublos, livres!

GAIEV Perdoe-me, mas isso é uma grande bobagem!

LIUBOV ANDREIEVNA Não estou compreendendo bem, Iermolai Aleksêievitch.

LOPAKHIN A senhora alugaria os terrenos a veranistas e poderia pedir-lhes, por baixo, vinte e cinco rublos ao ano por hectare. Se começássemos já, garanto-lhes que quando chegasse o outono não

haveria um único pedaço de chão por alugar, cada pedaço encontraria o seu dono rapidamente. Pois então, minhas congratulações, os senhores estão salvos. O lugar é uma beleza, a posição é adequada e o rio é profundo. É claro, primeiro teria de pôr tudo em ordem, demolir as construções decrépitas, por exemplo, esta casa velha, que já não vale mesmo nada... e também o jardim de cerejeiras deveria ser derrubado...

LIUBOV ANDREIEVNA Cortar as minha cerejeiras? Ai, minha alma, perdoe-me, mas o senhor não sabe mesmo o que está dizendo. Em toda a região não há outro jardim de cerejeiras tão grandioso quanto o nosso.

LOPAKHIN A grandiosidade desse jardim resume-se ao fato de ele ser tão grande. Mas a produção de cereja é boa só a cada dois anos, quando muito, e mesmo então não se sabe o que fazer com ela. Ninguém a compra!

GAIEV Mas esse jardim é mencionado até nas enciclopédias!

LOPAKHIN (*olha o relógio*) Por favor, se não encontrarmos uma solução logo, no dia 22 de agosto era uma vez o jardim das cerejeiras e todo o resto... pertencerá a quem der mais por ele! Pois então, por que não se decidem logo? Acreditem, não há outra solução, eu lhes asseguro!

FIRS Em outros tempos, uns quarenta ou cinqüenta anos atrás, a cereja, uma vez colhida, era seca, faziam-se conservas, licores e geléias, e sempre...

GAIEV Fique calado, Firs.

FIRS Havia tanta cereja seca que nós mandávamos carroças e mais carroças cheinhas para Moscou e Kharkov. E o dinheiro não parava de chegar! E como era gostosa aquela cereja seca, tão macia, saborosa e doce...E cheirosa...Havia um segredo para prepará-la.

LIUBOV ANDREIEVNA E onde parou esse tal segredo?

FIRS Foi esquecido, hoje ninguém mais recorda...

PICHTCHIK (*a Liubov Andreievna*) E... que tal foi em Paris? Como é a vida por lá? É verdade que lá se come até rã?

LIUBOV ANDREIEVNA E como! Come-se até crocodilo!

PICHTCHIK Não me diga! É inacreditável!

LOPAKHIN Até agora havia só senhores e camponeses na zona rural, mas agora estão chegando aos montes os veranistas. Hoje até a menor das cidades está cercada de casas de campo, e não dou vinte anos para que haja tanta casa de veraneio por aqui que não irá sobrar lugar para nós. Por enquanto a gente da cidade se contenta em vir aqui para beber chá... passar uns dias sentado na varanda de sua casa de campo... mas pode muito bem acontecer de eles começarem a se ocupar da agricultura no seu hectare... e então que paraíso não será o seu jardim das cerejeiras!

GAIEV (*indignado*) Que idéia sem pé nem cabeça!

Entram Vária e lacha.

VÁRIA Mãezinha, há dois telegramas para a senhora. (*Separa uma chave do molho e em meio ao tilintar das demais abre o velho armário de livros.*) Aqui estão.

LIUBOV ANDREIEVNA São telegramas vindos de Paris. (*Rasga-os sem os abrir.*) Paris é algo definitivamente encerrado.

GAIEV Sabe, Liuba, quantos anos tem este armário? Uma semana atrás, por acaso, puxei para fora a gaveta de baixo e descobri que o ano está gravado nele a fogo... Este armário tem cem anos de idade! Cem anos redondos! Que tal, hem? Poderíamos até celebrar-lhe o centenário! Um objeto inanimado, mas de qualquer maneira é até hoje um armário de livros!

PICHTCHIK (*surpreso*) Cem anos!... É inacreditável!

GAIEV (*apalpando o armário*) Querido velho e estimado armário! Estou diante de você, profundamente comovido. Você, que há um século está a serviço dos ideais resplandecentes do bem e da verdade! O seu chamado silencioso para o trabalho frutífero não perdeu a força ao longo de cem anos, e (*com voz emocionada*) durante gerações manteve viva nossa crença num futuro melhor e na vitória dos nobres ideais humanos. (*Pausa.*)

LOPAKHIN Ah, é claro... é claro...

LIUBOV ANDREIEVNA Você é sempre o mesmo, Lionia!

GAIEV (*um pouco embaraçado*) Bem, direto na caçapa do canto!

LOPAKHIN (*consulta o relógio*) Tenho de partir, mesmo...

IACHA (*entrega a Liubov Andreievna uma caixa de pílulas*) O remédio... está na hora de tomá-lo.

PICHTCHIK Não tome remédios, querida... eles não fazem nem bem nem mal... Queira me dar essas pílulas! (*Toma a caixa, derrama as pílulas sobre a palma da mão, joga todas na boca e as engole com um copo de Kvas.*) Pronto!

LIUBOV ANDREIEVNA (*assustada*) Ficou louco?

PICHTCHIK De jeito algum. Com um só gole dei fim a toda a farmácia!

LOPAKHIN Que glutão, hem! (*Todos riem.*)

FIRS Quando estive aqui na Páscoa, engoliu meia cuba de pepino. (*Continua a resmungar.*)

LIUBOV ANDREIEVNA O que o velho está resmungando?

VÁRIA Há três anos ele anda dizendo coisas sem sentido, nós já nos acostumamos.

IACHA Caduquice. (*Charlotta, de roupa branca, com a cintura terrivelmente apertada, um lornhão preso ao cinto, atravessa a cena.*)

LOPAKHIN Perdão Charlotta Ivanovna, ainda nem tive tempo de cumprimentá-la. (*Faz menção de beijar-lhe a mão.*)

CHARLOTTA (*retira a mão*) Se eu lhe desse o dedinho, logo iria querer todo o braço... e também um pedaço do ombro.

LOPAKHIN É inútil, hoje estou sem sorte! (*Todos riem.*) Mostre-nos algumas de suas mágicas.

LIUBOV ANDREIEVNA Vamos, Charlotta, bem que você poderia mostrar-nos algo...

CHARLOTTA Não tenho vontade. Estou com sono. (*Sai.*)

LOPAKHIN Bem, então... até daqui a três semanas. (*Beija a mão de Liubov Andreievna.*) Até lá, adeus! Estou com pressa. (*A Gaiev.*) Adeus! (*Troca beijos com Simeonov-Pichtchik.*) Adeus! (*Aperta a mão de Vária, Firs e Iacha, sucessivamente.*) Não sei... está difícil sair daqui hoje. (*A Liubov Andreievna.*) Pense bem nessa história do loteamento, e se decidir algo, por favor, mande me avisar. Posso obter sem demora um empréstimo de uns cinqüenta mil rublos. Pense sobre o assunto seriamente!

VÁRIA (*irada*) Vá andando, pelo amor de Deus!

LOPAKHIN Já vou indo... Já nem estou mais aqui. (*Sai.*)

GAIEV Que grosseirão! Aliás, perdão... Vária vai casar com ele. Não é mesmo?... Ele é o noivo escolhido... não é?

VÁRIA Titio, não diga tais bobagens!

LIUBOV ANDREIEVNA Por que não, Vária? Eu ficaria muito contente com isso. Ele é um homem direito, uma boa pessoa...

PICHTCHIK É sim... posso afirmar isso, é uma ótima pessoa... A minha Dachenka também diz isso... sim... (*No meio da conversa adormece, ronca e acorda sobressaltado.*) Hum...minha alminha, não poderia emprestar-me duzentos e quarenta rublos? É que amanhã eu terei de pagar os juros sobre a hipoteca...

VÁRIA (*com voz assustada*) Não temos! Não temos!

LIUBOV ANDREIEVNA Pois é, minha alminha, nós também estamos sem nenhum...

PICHTCHIK De um jeito ou de outro, sempre acaba aparecendo algo. (*Ri.*) Eu nunca perco a esperança. Pois já houve ocasião em que cheguei a pensar que estava tudo perdido... e o que aconteceu?... resolveram passar o leito da ferrovia pelas minhas terras e me coube uma boa soma. Por que não pode acontecer algo semelhante de novo?...se não hoje, então amanhã?... Dachenka pode ganhar duzentos mil rublos, ela comprou um bilhete de loteria.

LIUBOV ANDREIEVNA Bem, já tomamos nosso café... Agora podemos ir descansar.

FIRS (*escova a roupa de Gaiev; com voz ranzinza*) De novo pôs a calça que não combina com o casaco.

VÁRIA (*em voz baixa*) Pss...Ánia está dormindo. (*Abre a janela em silêncio.*) Nasceu o sol, já não está tão frio. Veja, mãezinha, que beleza de árvores! Meu Deus, que ar! E como cantam os estorninhos!

GAIEV (*abre a outra janela*) Todo o jardim é uma brancura só. Liuba, lembra? A longa alameda, como é reta, até não poder mais... e tem um brilho prateado nas noites enluaradas. Você se lembra? Não se esqueceu?

LIUBOV ANDREIEVNA *(olha pela janela)* Oh, minha infância, minha pureza! Eu dormia neste quarto, daqui olhava o jardim. Toda manhã a felicidade acordava junto comigo, e o jardim continua igualzinho ao que era, não mudou nada! *(Rindo de alegria.)* É tão majestosamente branco! Meu querido jardim! Nem o outono desbotado nem o inverno gelado conseguem maltratá-lo, você está jovem de novo e feliz, e não foi abandonado pelos anjos celestiais... Meu Deus, se pudesse ainda uma vez livrar os ombros dessa pesada pedra, se pudesse esquecer o passado!

GAIEV E agora, por estranho que pareça, esse jardim será leiloado...

LIUBOV ANDREIEVNA Olhe só para aquilo...A nossa querida mãe andando pelo jardim... de vestido branco... *(Rindo de alegria.)* É ela!

GAIEV Onde?

VÁRIA Por Deus! Mãezinha!

LIUBOV ANDREIEVNA Não há ninguém, era apenas uma miragem... Há no pavilhão uma árvorezinha branca inclinada para a frente... parecia uma figura de mulher... *(Entra Trofimov, de óculos, vestindo um surrado uniforme de universitário.)* Que jardim prodigioso! Flores brancas, céu azul...

TROFIMOV Liubov Andreievna! *(Liubov Andreievna volta-se.)* Quis apenas saudá-la, e já vou indo. *(Beija-lhe a mão, comovido.)* Disseram para esperar até amanhã... mas eu não agüentei mais... *(Liubov Andreievna olha para ele surpresa.)*

VÁRIA *(entre lágrimas)* É Pétia Trofimov...

TROFIMOV Pétia Trofimov, que era preceptor de Gricha... Será que mudei tanto? *(Liubov Andreievna abraça-o e chora silenciosamente.)*

GAIEV *(comovido)* Bem, já chega, Liuba... já chega...

VÁRIA *(chora)* Está vendo, Pétia, eu disse que esperasse até amanhã...

LIUBOV ANDREIEVNA Meu Gricha... meu pobre filhinho... Gricha, minha alminha...

VÁRIA O que podemos fazer, mãezinha? Foi a vontade de Deus.

TROFIMOV *(com voz doce e chorosa)* Já chega... Está bem, está bem...

LIUBOV ANDREIEVNA *(chora baixinho)* Está morto, morreu afogado, o meu filhinho... Por quê? Meu amigo, me diga, por quê? *(Acalmando-se.)* No quarto ao lado dorme minha filhinha e eu aqui falando alto... Diga-me Pétia, o que foi que lhe aconteceu para ficar tão feio assim? Como envelheceu!

TROFIMOV Pois é... No trem uma camponesa me chamou de “senhor desbotado”.

LIUBOV ANDREIEVNA E era um mocinho tão bonitinho então, um estudantinho tão alegre e cheio de vida... E agora, como rareia o seu cabelo... e usa óculos também... E ainda é estudante? *(Encaminha-se para a porta.)*

TROFIMOV Ao que parece, serei um eterno estudante.

LIUBOV ANDREIEVNA *(beija o irmão, depois a Vária)* Bem, vamos dormir... Você também, Leonid, está envelhecido!

PICHTCHIK *(seguindo-a)* Então, para a cama... Ai! a minha gota! Vou ficar aqui em sua casa... Liubov Andreievna, minha querida amiga, eu necessitaria muito daqueles... hum... duzentos e quarenta rublos.

GAIEV E esse, sempre com a mesma cantilena!

PICHTCHIK Duzentos e quarenta rublos... para pagar os juros!

LIUBOV ANDREIEVNA Mas se eu mesma não os tenho, amiguinho...

PICHTCHIK Eu devolveria, meu anjinho... é uma soma tão insignificante!

LIUBOV ANDREIEVNA Está bem, está bem, Leonid lhe dará... Dê-lhe, Leonid...

GAIEV Eu lhe dou, mas é melhor ele esperar sentado...

LIUBOV ANDREIEVNA Mas o que podemos fazer? Vá, dê-lhe o dinheiro, já que ele precisa. Com certeza devolverá. (*Liubov Andreievna, Trofimov, Pichtchik e Firs se retiram; permanecem em cena Gaiev, Vária e Iacha.*)

GAIEV Liuba é sempre a mesma! Joga o dinheiro pela janela. (*A Iacha.*) Afaste-se, amigo, você está cheirando a galinheiro.

IACHA (*sorrindo*) O senhor também continua o mesmo, Leonid Andréievitch.

GAIEV Hem? Como? (*A Vária.*) O que ele disse?

VÁRIA (*a Iacha*) Ah, é verdade, Iacha, sua mãe veio da aldeia, quer vê-lo... Desde ontem está esperando por você na casa dos colonos.

IACHA Por mim pode esperar até cansar.

VÁRIA Seu desavergonhado!

IACHA Ela não me serve para nada! Podia ter vindo só amanhã! (*Sai.*)

VÁRIA A mãezinha não tem jeito mesmo; ela entregaria o seu último copeque, se nós deixássemos!

GAIEV Pois é, pois é... (*Pausa.*) Quando, para tratar uma doença, sugerem centenas de medicamentos, com certeza nenhum vai adiantar,

pois se trata de uma doença incurável. Passo o dia inteiro quebrando a cabeça, invento mil soluções, mas na realidade nenhuma delas vale porcaria alguma... Se recebêssemos uma boa herança ou algo parecido... se, por exemplo, arrumássemos para Ánia um marido rico... Ou deveríamos visitar em Iaroslavl a tia condessa que é tão rica; ela nem sabe o que fazer com a quantidade de dinheiro que tem!

VÁRIA (*chora*) Se Deus quisesse nos ajudar!

GAIEV Pare com essa choradeira! A tia é muito rica mas infelizmente não quer saber de nós. Não consegue perdoar a minha irmã por ela ter se casado com um simples advogado, que nem ao menos pertencia à nobreza. (*Ánia aparece no umbral da porta.*) Não se casou com um nobre... e a bem da verdade não levou uma vida lá muito virtuosa. É uma boa mulher, e bonita, a nossa Liuba, ótima companheira, amo-a profundamente, mas essas são apenas, como se diz, circunstâncias atenuantes. Na verdade... ela é uma criatura de moral duvidosa. Cada movimento seu revela isso.

VÁRIA (*cochicha em seu ouvido*) Ánia está na porta!

GAIEV Como?... Ah, sim! (*Pausa.*) Olhe aqui, outro dia entrou qualquer coisa no meu olho direito, e desde então mal consigo enxergar com ele... Também na quinta-feira, quando estava no fórum...

Ánia entra no quarto.

VÁRIA Você ainda não dormiu, Ánia?

ÂNIA Não consigo.

GAIEV Minha queridinha. (*Beija a mão e o rosto de Ánia.*) Minha florzinha... (*Entre lágrimas.*) Você não é a minha sobrinha, você é um anjo, o meu anjinho, você é tudo para mim... acredite...

ÂNIA Eu acredito em você, titio, e nós todos temos respeito e amor por você mas, titio, não me queira mal, você fala tanta tolice... Agora

mesmo, o que acabou de dizer da pobre mãezinha, da sua própria irmã querida?

GAIEV É verdade... é verdade. *(Cobre o rosto com a mão de Ánia.)* Isso de fato é horrível! Que Deus tenha misericórdia de mim. E o discurso bobo que fiz há pouco diante do armário de livros! Só ao terminá-lo me dei conta de quanta besteira havia dito...

VÁRIA Na verdade, titio, seria melhor se o senhor falasse menos. E ainda melhor se ficasse calado...

ÁNIA Se se calasse teria mais tranqüilidade... acredite...

GAIEV Está bem...está bem... já me calei. *(Beija a mão de Ánia e de Vária.)* Só mais uma palavra sobre o assunto. Quinta-feira passada estive no fórum, e no grupo onde conversava falávamos disso e daquilo, como acontece nessas ocasiões – pois bem, disseram que se podia obter um empréstimo assinando uma promissória... e assim seríamos capazes de pagar os juros ao banco.

VÁRIA Ai, se Deus quisesse nos ajudar!

GAIEV Terça-feira voltarei à cidade e tratarei do assunto novamente. *(A Vária.)* Deixe de choradeira... *(A Ánia.)* Sua mãe deve falar com Lopakhin, que com certeza atenderá a seu pedido. E você, assim que se recuperar da fadiga da viagem, irá a Iaroslavl, fazer uma visita à sua tia condessa. Se atuarmos nessas três frentes o sucesso será garantido. Tudo se arranjará. Pagaremos os juros, com certeza nós os pagaremos... *(Coloca uma bala na boca.)* Dou minha palavra de honra que a propriedade não cairá em mãos estranhas! *(Cada vez mais acalorado.)* Juro pela minha felicidade! Aqui tem a minha mão, pode me chamar de canalha sem honra se eu permitir que haja leilão! Juro por tudo o que é sagrado!

ÁNIA *(recobrou a calma, feliz)* Como você é bom, querido titio, e como é inteligente! *(Abraça-o.)* Você me tranqüilizou. Estou tão feliz!

Entra Firs.

FIRS *(em tom de reprovação)* Leonid Andréievitch, não teme a Deus? Quando irá se recolher?

GAIEV Já vou, já vou... Vá, Firs, eu me trocarei sozinho... Bem, criancinhas... para a cama. Amanhã discutiremos tudo, tintim por tintim, agora vamos dormir... *(Beija Ánia e Vária.)* Eu pertenço à geração dos anos 80. É um período que não recebe muitos elogios, mas posso dizer que não foram poucas as ocasiões em que tive de me sacrificar devido às minhas convicções. Não é à-toa que os meus camponeses gostam de mim. Pois é preciso conhecer os camponeses, queridinha! É preciso saber...

ÁNIA Titio, já está começando de novo!

VÁRIA Fique calado, titio.

FIRS *(zangado)* Leonid Andréievitch!

GAIEV Está bem, está bem... já vou indo. E vocês vão se deitar... mato uma bola da vez, depois jogo uma numerada com castigo... *(Sai. Firs o segue.)*

ÁNIA Agora estou tranqüila. Não tenho a mínima vontade de ir a Iaroslavl, pois quero ficar bem longe da titia condessa, mas apesar disso, o titio conseguiu me tranqüilizar completamente... sou-lhe grata por isso... *(Senta-se.)*

VÁRIA Mas agora vamos dormir...Durante a sua ausência tivemos uma pequena contrariedade por aqui...Sabe, lá embaixo, na casa menor, vivem os colonos mais velhos, Iefimuchka, Polia, levstigniei, e também Karp... Um dia desses veio ao meu conhecimento que eles deixavam entrar todo tipo de vagabundo para passar ali a noite. Fiz que não sabia, o que mais podia fazer? Porém um dia ouço dizer que eles estão falando que eu sou pão-dura, que só lhes mando servir ervilha seca para o almoço, etc. Fiquei sabendo que quem os instigava era o

inútil do levstigniei. Muito bem, penso... e mando chamar o levstigniei... (Boceja.) Ele entra... e eu começo: ouça, levstigniei, que sujeito tolo você é... (Olha para Ánia.) Aniuta! (Pausa.) Dormiu, a minha alminha... (Conduz Ánia.) Dormiu, a minha alminha... Assim... (Saem. De longe, para além do jardim das cerejeiras, ouve-se o som de uma flauta. Trofimov atravessa a cena e se detém ao ver as duas moças.) Psiu...Está dormindo... adormeceu... vamos, meu anjinho...

ÂNIA (em voz baixa, meio em sonho) Que cansaço... Estou ouvindo campainhas... titio... o titio é tão bonzinho... mãezinha... querida mãezinha... e o titio...

VÁRIA Venha, queridinha, venha... (As duas saem de cena, entrando no quarto de Ánia.)

TROFIMOV (emocionado) Meu sol, minha primavera!

Cortina.

SEGUNDO ATO

O campo. Uma velha capelinha abandonada, ameaçando ruir. Junto a ela um poço com grandes pedras de granito, que algum dia certamente foram lápides; um velho banco. Vê-se o caminho que conduz à propriedade de Gaiev. De um lado se elevam álamos que projetam a sua sombra; ali começa o jardim das cerejeiras. Mais distante uma fileira de postes telegráficos e bem longe, no horizonte, vêem-se os contornos vagos de uma cidade grande, nítidos apenas nos dias claros. Logo o sol irá se pôr.

Sentados no banco estão Charlotta, lacha e Duniacha; Epikhodov, de pé ao seu lado, toca violão. Todos o ouvem, em devaneios. Na cabeça de Charlotta um velho chapéu caçador; ela tira uma espingarda do ombro e se ocupa com a fivela da correia.

CHARLOTTA (com ar meditativo) Não tenho nem mesmo um registro de nascimento... Nem sei ao certo a minha idade, sempre me parece que ainda sou pequenina. Quando era menina percorria com meus pais as feiras de todo o país, e fazíamos apresentações muito boas. Eu dava saltos mortais e fazia todo tipo de truques de mágica. Quando meus pais morreram eu fui recolhida por uma senhora alemã que começou a me educar. Está bem. Cresci e tornei-me instrutora. De onde venho - não sei. Quem eram meus pais, talvez nem fossem casados... não sei. (Tira do bolso um pepino e começa a mastigá-lo.) Não sei nada... (Pausa) Gostaria tanto de poder ter uma longa conversa com alguém... mas quem seria esse alguém? Não tenho ninguém neste mundo.

EPIKHODOV (toca o violão e canta) "O mundo pode desabar sobre mim, nada me importa..." Como é agradável tocar bandolim.

DUNIACHA É apenas um violão, e não um bandolim. (Olha-se no espelho e passa pó-de-arroz no rosto.)

EPIKHODOV Para quem está loucamente apaixonado, isto é um bandolim. *(Continua a cantar.)* “Se um amor fiel tivesse – Que um beijo doce me desse!” *(lacha cantarola com ele em voz baixa.)*

CHARLOTTA Que berreiro terrível o desses dois! Parecem dois chacais uivando.

DUNIACHA *(a lacha)* Deve ser lindo andar pelos países estrangeiros.

IACHA Com efeito. Nesse particular não posso discordar da senhora... *(Boceja, depois acende um charuto.)*

EPIKHODOV É evidente . No estrangeiro tudo é tão...perfeito!

IACHA Ah, sim... naturalmente.

EPIKHODOV Eu, vejam bem, tenho alguma cultura... Leio todo tipo de obras importantes e mesmo assim não tenho clareza quanto à minha tendência intelectual. Pois o que quero na realidade? Quero viver ou dar um tiro na cabeça? Não sei – de qualquer modo carrego o revólver sempre comigo, como podem ver. *(Mostra o revólver.)*

CHARLOTTA Bem – estou pronta. *(Põe a espingarda no ombro.)* Epikhodov, você é um sujeito muito inteligente e terrível... tem algo que impressiona... na certa as mulheres o adoram, não é? Brrr! *(Começa a se retirar.)* Esses tipos inteligentes não passam de bobalhões. Nenhum deles serve para trocar idéias... Como estou sozinha! Abandonada... sem ninguém...quem sou eu, o que faço neste mundo... ninguém me diz... nunca me dizem...*(Sai a passos lentos.)*

EPIKHODOV No fundo, deixando de lado os pormenores, tenho de lhes dizer, vejam bem, que o destino me trata sem muita compaixão, vejam bem, como a tempestade trata o bote, por exemplo. Pois, admitindo que eu esteja enganado... mesmo assim, como me explicam, vejam bem, que hoje pela manhã, por exemplo, tenha despertado com uma enorme aranha passeando pelo meu peito... Uma aranha deste tamanho! *(Mostra com as duas mãos.)* Ou que pego um copo de cerveja

com a intenção de tomá-la, e esteja flutuando nela... uma barata, com perdão da palavra... *(Pausa.)* Os senhores já leram Buckle?...*(Pausa. A Duniacha.)* Gostaria de trocar algumas palavras serias consigo, Avdotia Fiodorovna... permite-me?

DUNIACHA Vá falando!

EPIKHODOV Seria aconselhável se pudesse ser a sós...*(Suspira.)*

DUNIACHA *(embaraçada)* Está bem... está bem...Como quiser...Mas primeiro me traga a touca... faça-me o favor...pendurei-a ao lado do armário... está tão fresquinho aqui...

EPIKHODOV Muito bem, pois não... já a trago. Pelo menos, veja bem, já sei o que fazer com o revólver...*(Sai, vibrando as cordas do violão.)*

IACHA Senhor desgraça!... Cá entre nós, que sujeito mais bobo! *(Boceja.)*

DUNIACHA Ai, queria Deus que não acabe metendo um tiro na cabeça! *(Pausa.)* Tenho estado tão nervosa ultimamente, qualquer bobagem me deixa aflita. Ainda pequena passei a conviver com os senhorios... desacostumei-me por completo da vida simples... Veja, tenho as mãos de uma senhorita. E tornei-me sensível, delicada e nervosa... tudo me dá medo. Por isso, lacha, se o senhor me enganar, não sei o que acontecerá com os meus nervos!

IACHA *(beija-a)* Meu bombomzinho...É claro que toda moça que se preze deve cuidar de sua reputação. Nada me desagrada mais numa moça do que a má conduta...

DUNIACHA Estou louca, louca pelo senhor! O senhor é tão culto, sabe falar tão bem de tudo! *(Pausa.)*

IACHA *(boceja)* Ah, sim... é que na minha opinião, uma moça atirar-se sem mais nem menos nos braços de um homem, isso não é distinto. *(Pausa.)* É agradável fumar um charuto... assim, ao ar livre... *(Escuta.)*

Está vindo alguém... decerto são os senhores... (*Duniacha o abraça impetuosamente.*) Vá para casa agora mesmo e faça como se tivesse ido banhar-se no rio... Vá por esse atalho, para que não a vejam. Eles podem pensar que tive um encontro marcado consigo, e eu não gostaria disso.

DUNIACHA (*tossindo de leve*) Acho que a fumaça do seu charuto me deu dor de cabeça... (*Sai. lacha fica sozinho, senta-se no banco junto à capelinha.*)

Vêm Liubov Andreievna, Gaiev e Lopakhin.

LOPAKHIN Está mais que na hora de tomar uma decisão. O tempo não espera. Querem o loteamento ou não querem? Preciso de uma resposta o mais breve possível: sim ou não? Apenas uma palavra!

LIUBOV ANDREIEVNA Quem fuma charutos tão horríveis aqui? (*Senta-se.*)

GAIEV É mesmo bem conveniente o trem passar tão perto daqui. (*Senta-se.*) Se quisermos ter um bom almoço, basta nos sentarmos numa cabine; o trem só para na cidade... uma bola da vez, depois uma numerada... De bom grado iria agora para casa e jogaria uma partidinha...

LIUBOV ANDREIEVNA Tem tempo...

LOPAKHIN Apenas uma palavra! (*Com voz suplicante.*) Por favor, uma resposta!

GAIEV (*boceja*) O quê?

LIUBOV ANDREIEVNA (*olhando dentro da bolsa*) Ontem a minha bolsa ainda estava cheia de dinheiro e hoje de novo se esvaziou... A pobre Vária economiza, só nos serve sopa de leite, a criadagem come

dia após dia ervilha seca... E eu esbanjo o dinheiro, como uma tonta. (*Deixa cair a bolsa, as moedas de ouro se espalham pelo chão.*) Agora esse restinho rola pelo chão! (*Está aborrecida.*)

IACHA Se me permite, vou catá-las. (*Apanha o dinheiro.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Obrigada, lacha... Que sentido tinha tudo isso...ir à cidade só para almoçar. E ainda por cima num lugar tão miserável... a musica estava sofrível, a toalha da mesa cheirava a sabão barato... Para que comer tanto, Lionia? Para que comer? E para que falar tanta tolice?... No restaurante, de novo, você andou falando a torto e a direito coisas sem nenhum propósito, sobre os anos 70 e os decadentes... e para quem? Deu uma aula aos garçons sobre a poesia dos decadentes!

LOPAKHIN Sim!

GAIEV (*faz um gesto com a mão*) Pois é, sou incorrigível. Parece...(A lacha, irritado.) E você, o que faz aqui? Não sai da minha frente!

IACHA (*ri com descaramento*) Peço-lhe perdão, mas basta eu ouvir a sua voz e desato a rir...

GAIEV (*a irmã*) Peço-lhe que escolha: ou eu ou ele...

LIUBOV ANDREIEVNA lacha, vá embora, por favor.

IACHA (*devolve-lhe a bolsa*) Já vou... (*Mal consegue controlar o riso.*) Estou indo. (*Sai*)

LOPAKHIN O ricoço Deriganov está interessado na propriedade, dizem que virá pessoalmente ao leilão.

LIUBOV ANDREIEVNA E como o senhor sabe disso?

LOPAKHIN Comenta-se na cidade.

GAIEV A tia de Iaroslavl prometeu mandar o dinheiro... Mas quando e quanto, ainda não sei.

LOPAKHIN Mas quanto ela poderá mandar? Cem mil? Duzentos mil?

LIUBOV ANREIEVNA Ora! Se mandar dez ou quinze mil já lhe seremos agradecidos.

LOPAKHIN Perdoem-me, mas gente tão leviana como os senhores, tão estranha e pouco prática, eu nunca vi. Expliquei-lhes com bastante clareza, sem deixar dúvidas, que a sua propriedade será leiloada... e parece que isso não entrou na cabeça dos senhores...

LIUBOV ANDEIEVNA Mas o que podemos fazer? Aconselhe-nos!

LOPAKHIN Dia após dia não faço outra coisa senão dar-lhes conselhos. Dia após dia falo e falo, cem vezes a mesma coisa. O jardim das cerejeiras e a gleba à beira do rio devem ser loteados e alugados aos veranistas, e agora mesmo, sem perda de tempo. O leilão está muito próximo! Compreendem?! Assim que se decidirem de vez pelo loteamento o dinheiro começará a jorrar sem parar, e os senhores estarão salvos!

LIUBOV ANDEIEVNA Casas de veraneio, veranistas – perdoe-me, mas isso é algo tão vulgar!...

GAIEV Estou totalmente de acordo com você, mana!

LOPAKHIN Ouvindo isso tenho vontade de chorar ou de quebrar tudo, ou de ter um ataque! Não posso mais! Vocês me atormentam. (A Gaiev.) O senhor... O senhor não passa de uma velha!

GAIEV O que está dizendo?

LOPAKHIN Uma velha! (*Quer se retirar.*)

LIUBOV ANDREIEVNA (*assustada*) Não vá! Fique aqui, querido... peço-lhe! Talvez encontremos uma solução.

LOPAKHIN Mas que outra solução?

LIUBOV ANDREIEVNA Não vá embora, peço-lhe! A sua presença me tranqüiliza, fico mais alegre... (*Pausa.*) Estou sempre temendo algo... algo terrível... como se a casa estivesse prestes a desabar sobre as nossas cabeças.

GAIEV (*mergulhado em pensamentos*) Direto na caçapa do canto...

LIUBOV ANDREIEVNA Esse é o castigo pelos nossos grandes pecados.

LOPAKHIN E que pecados podem os senhores ter?

GAIEV (*põe uma bala na boca*) Sobre mim dizem que engoli toda a fortuna em balas.

LIUBOV ANDREIEVNA Oh, os meus pecados! Sempre esbanjei dinheiro como uma doida... Casei-me com um homem que só soube fazer dívidas e morreu de tanto beber champanhe... Depois veio um outro... nada melhor. O primeiro castigo foi a morte de meu filhinho... foi como de eu tivesse levado um golpe na cabeça... Fugi às cegas para bem longe...para o estrangeiro... Não queria ver esse rio que roubou meu filhinho... mas esse homem me seguiu, desapietada e brutalmente. E quando adoeceu, comprei a casa de campo perto de Menton e cuidei dele. Durante três anos não tive descanso dia e noite, ele me deixou esgotada, e a minha alma secou. Até que no ano passado, quando as muitas dívidas me obrigaram a vender a casa, mudamos para Paris... e aquele homem pilhou-me todo o dinheiro que ainda me restava... depois o miserável me abandonou e foi viver com outra mulher. Então quis me suicidar... É tão tolo, tão vergonhoso... E de repente a saudade se abateu sobre mim. Voltar para casa, para a Rússia, para a minha querida filhinha... (*Enxuga as lágrimas.*) Oh, meu Deus, meu Deus, tenha misericórdia, perdoe os meus inúmeros pecados. Não me

castigue mais!... *(Tira um telegrama do bolso.)* Recebi esse telegrama hoje de Paris... foi aquele homem que o mandou. Pede desculpas, suplica-me que volte. *(Rasga o telegrama.)* Parece que estou ouvindo música. *(Escuta.)*

GAIEV É a nossa velha e afamada orquestrinha de judeus, lembra? Quatro violinos, um flautista e um contrabaixo.

LIUBOV ANDREIEVNA Ainda existe? Devíamos chamá-los um dia em casa, organizar uma pequena reunião...

LOPAKHIN *(escuta)* Não ouço nada... *(Cantarola em voz baixa.)* “Por dinheiro russo os alemães se afrancesam.” *(Solta uma gargalhada.)* Ontem à noite fui ao teatro ver uma peça muito divertida, dei grandes gargalhadas.

LIUBOV ANDREIEVNA O que pode ser assim tão divertido?... Acho que vocês deviam rir é de si mesmos... de suas miseráveis vidinhas... em lugar de tanta conversa fiada...

LOPAKHIN Certíssimo; reconheço que a nossa vida é estúpida...*(Pausa.)* Meu pai era camponês, um camponês ignorantão, não sabia nada de nada, não me mandou à escola... sua educação era na base do bastão, quando estava bêbado. E eu sou igual, tão bobalhão e idiota quanto ele. Sou ignorante, minha letra é péssima, escrevo mal a ponto de me envergonhar... uns rabiscos lamentáveis...

LIUBOV ANDREIEVNA O senhor, querido amigo, devia se casar.

LOPAKHIN Sim... é verdade.

LIUBOV ANDREIEVNA Case-se com a nossa Vária. É uma boa moça, e agradável.

LOPAKHIN Eu sei...

LIUBOV ANDREIEVNA É uma moça caseira, boa e decente... e acima de tudo gosta muito do senhor. E também o senhor gosta dela.

LOPAKHIN Do meu lado... não tenho nada contra... é uma moça decente e agradável...*(Pausa.)*

GAIEV Ofereceram-me um emprego no banco... me pagariam seis mil rublos ao ano. Já lhe disse?

LIUBOV ANDREIEVNA Ora, você! Você vai ficar onde está!

Vem Firs, trazendo um casaco.

FIRS *(a Gaiev)* Senhorzinho, está fresco, ponha-o, por favor.

GAIEV *(veste o casaco)* Você me cansa, Firs!

FIRS Está bem...está bem... hoje de manhã o senhor viajou sem me dizer uma palavra. *(Olha Gaiev de alto a baixo.)*

LIUBOV ANDREIEVNA Como você envelheceu, Firs!

FIRS Às suas ordens.

LOPAKHIN Ela disse que você envelheceu muito.

FIRS Pois então, eu vivo já há um bocado de tempo. Quando o pai da senhora ainda não havia nascido já queria me casar... *(Ri.)* E quando houve aquela grande libertação dos servos eu já era criado interno. Não precisa daquela, como se chama... daquela alforria, permaneci direitinho junto ao patrão... *(Pausa.)* E olhe, lembro-me bem de que todos estavam contentes, mas nem eles mesmos sabiam por quê.

LOPAKHIN Antigamente é que era bom! Pelo menos se açoitava!

FIRS (*não ouviu bem*) Digo o mesmo, a gente sabia quem era o camponês e quem era o senhor. Agora está tudo misturado, não se entende nada.

GAIEV Cale a boca, Firs! Amanhã devo ir de novo à cidade. Serei apresentado a um general, talvez ele me dê dinheiro contra uma promissória.

LOPAKHIN Não acredito. O senhor não conseguirá pagar os juros com isso, tenho certeza.

LIUBOV ANDREIEVNA Está delirando. Esse general nem existe!

Vem Trofimov, Ánia e Vária.

GAIEV Olhe a juventude chegando!

ÂNIA Mãezinha está aqui sentada no banco!

LUBOV ANDREIEVNA (*com ternura*) Venham, venham, minhas queridas! (*Abraça Ánia e Vária.*) Se soubessem quanto as amo. Sentem-se aqui junto de mim, assim! (*Todos se sentam.*)

LOPAKHIN O nosso eterno estudante prefere sempre a companhia das senhoritas.

TROFIMOV Não é da sua conta!

LOPAKHIN Daqui a pouco fará cinqüenta anos e é ainda estudante.

TROFIMOV Guarde as piadas de mau gosto para si mesmo.

LOPAKHIN Por que está zangado, seu parvo?

TROFIMOV Deixe-me em paz!

LOPAKHIN (*dá uma gargalhada*) Permita-me perguntar-lhe, que opinião o senhor tem a meu respeito?

TROFIMOV A seu respeito? Bem se quiser saber, Iermolai Aleskêievitch, é a seguinte: o senhor é um homem rico, logo mais será milionário. E assim como no metabolismo da natureza é necessário uma fera para devorar tudo o que atravessa o seu caminho, assim também o senhor é necessário. (*Todos riem.*)

VÁRIA Pétia, melhor seria se nos falasse sobre a vida das estrelas.

LIUBOV ANDREIEVNA Não, prefiro que retomemos o tema de ontem.

TROFIMOV Sobre o que falávamos?

GAIEV Sobre o homem orgulhoso.

TROFIMOV Falamos muito, sem chegar a conclusão alguma... Segundo a sua idéia, existe algo místico no homem orgulhoso. Talvez, a seu modo, os senhores possam ter razão, mas se refletirmos sobre o assunto sem complicações nem rodeios, com simplicidade e bom senso – como se pode falar de orgulho e, de resto, que sentido pode ter isso, se o corpo humano é imperfeito, se a maioria dos homens é grosseira e profundamente infeliz! Não fiquemos tão encantados conosco mesmos. Melhor seria trabalhar.

GAIEV De qualquer modo, no fim todos morreremos.

TROFIMOV Quem sabe... E além do mais o que significa morrer? Talvez o homem tenha cem sentidos, dos quais a morte só consiga destruir cinco e os restantes noventa e cinco continuem funcionando.

LIUBOV ANDREIEVNA O senhor é um homem tão instruído, Pétia!

LOPAKHIN (*irônico*) Dá até medo!

TROFIMOV A humanidade progride e aperfeiçoa cada vez mais suas potencialidades. O que hoje ainda lhe é inalcançável, algum dia dominará, mas até lá é necessário trabalhar, pois só assim é possível atingir a meta proposta. E temos de ajudar com todas as forças aqueles que procuram a verdade... Na nossa Rússia só poucos trabalham. A grande maioria da *inteligentzia* que eu conheço não está à procura de nenhuma verdade, não faz nada, e por enquanto está incapacitada para o trabalho. Chamam a si mesmos de *inteligentzia* mas tuteiam os criados e tratam os camponeses como animais. Sua cultura é superficial, não lêem nada a sério, sobre a ciência só sabem falar, e não têm nenhum sentimento para com as artes... Aqui todos têm ares de importância, fazem cara séria, filosofam e discursam sobre temas elevados, enquanto os trabalhadores se alimentam como animais, dormem sem travesseiro, trinta ou quarenta num quarto, em meio à sujeira e ao mau cheiro, e por toda parte há vermes, imundície, putrefação moral! Os belos discursos e as palavras bonitas só servem para enganarmos os outros e a nós mesmos... Mostrem-me as creches, as bibliotecas populares de que tanto se fala! Só existem nos romances, na realidade onde estão? O que há é somente sujeira, vileza, herança asiática... Eu temo as caras excessivamente graves e os discursos sobre assuntos demasiado profundos, não gosto deles... Melhor seria permanecermos calados!

LOPAKHIN Pois veja então: levanto-me às cinco da madrugada, trabalho da manhã até tarde da noite, muito dinheiro passa pelas minhas mãos, meu e de outros, e por isso eu vejo com bastante clareza como são as pessoas. Basta começar a fazer alguma coisa e logo qualquer um se dará conta de como são poucas as pessoas decentes e honradas. Quando não consigo dormir à noite me ponho a pensar: "Meu bom Deus nas alturas, o Senhor nos deu florestas enormes, terras sem fim, campos imensos, mas a nós, homens, que vivemos no centro de tudo, não nos criou gigantes condizentes com isso!"

LIUBOV ANDREIEVNA Você gostaria de ver gigantes à sua volta, mas eles são bons só nos contos infantis; na vida real nos assustam. *(Pelo fundo Epikhodov atravessa a cena, toca violão.)*

LIUBOV ANDREIEVNA *(pensativa)* Lá vai Epikhodov com o seu violão...

ÂNIA *(pensativa)* Epikhodov com o seu violão...

GAIEV Senhoras e senhores, o sol se pôs...

TROFÍMOV Sim.

GAIEV *(em voz baixa, como se declamando)* Ó natureza, maravilhosa natureza! Você brilha com eterno resplendor, cheia de beleza e dignidade silenciosa, e nós a chamamos de mãe. Vida e morte estão juntas em você, que nos alimenta e destrói por igual...

VÁRIA *(com voz suplicante)* Titio!

ÂNIA Ai, tio, de novo?

TROFÍMOV O senhor faria melhor se encaçapasse uma numerada no canto....

GAIEV Tudo bem, tudo bem. Já estou calado...

Todos permanecem sentados, com ar pensativo. Reina o silêncio, ouvem-se apenas os resmungos de Firs. De repente chega de longe um som, como que vindo do céu. Ressoa triste e agonizante como a corda de um instrumento ao romper-se.

LIUBOV ANDREIEVNA O que foi isso?

LOPAKHIN Não sei o que pode ter sido. Talvez em alguma mina uma caçamba tenha se desprendido. Mas deve ter sido um bocado longe.

GAIEV Pode ter sido um pássaro... uma garça ou uma grua...

TROFIMOV Ou alguma coruja...

LIUBOV ANDREIEVNA (*com um estremecimento*) Parecia vir do outro mundo. (*Pausa.*)

FIRS Antes da grande desgraça acontecia o mesmo: a coruja gritava e o samovar zumbia, ambos sem parar...

GAIEV Antes de qual grande desgraça?

FIRS Antes de nos alforriarem. (*Pausa.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Acho, queridos, que talvez pudéssemos ir andando, já é tarde. (*A Ânía.*) Seus olhos estão cheios d'água... O que você tem, filhinha? (*Abraça-a.*)

ÂNIA Não sei, mãezinha... não tenho nada... choro por chorar...

TROFIMOV Vem alguém...

Vem um jovem andarilho, de casaco e com um chapéu gasto na cabeça; está um pouco tocado.

O JOVEM ANDARILHO Por gentileza: permitem que eu atravesse por aqui rumo à estação?

GAIEV Sim! Vá por aqui... sempre em frente...

O JOVEM ANDARILHO Agradeço-lhes respeitosamente...(*Dá uma leve tossida.*) O dia está uma beleza...(*Declama*) "Meu irmão, meu irmão sofredor. Vá à margem do Volga e ouça esses gemidos..." (*A Vária.*) Madimazel, um pobre russo faminto lhe implora trinta copeques...(*Vária, assustada, solta um grito.*)

LOPAKHIN (*aborrecido*) Que sujeito mais insolente!

LIUBOV ANDREIEVNA (*apressada*) Tome-os, coitado...ei-los. (*procura na bolsa.*) Não encontro nenhuma moeda de prata...bem, não faz mal, tome esta de ouro...

O JOVEM ANDARILHO Agradeço-lhe respeitosamente. (*Sai. Risos.*)

VÁRIA (*assustada.*) Não, não agüento mais isso...Vou embora agora mesmo, mãezinha...Em casa os criados não têm o que comer e a senhora dá uma moeda de ouro a esse vagabundo!

LIUBOV ANDREIEVNA Não se pode mudar isso, minha alma, sou tonta mesmo. Chagando em casa eu lhe darei tudo o que possuo. Iermolai Aleksêievitch, vai me ajudar com mais um pequeno empréstimo?

LOPAKHIN Às ordens.

LIUBOV ANDREIEVNA Vamos andando, já está passando da hora. Aliás, Vária, na sua ausência a prometemos em casamento, sabe? Parabéns.

VÁRIA (*em lágrimas*) Não se deve fazer troça desses assuntos, mãezinha.

LOPAKHIN Ofélia, entre para o convento!

GAIEV Os meus braços já estão começando a tremer, tal é a vontade que tenho de jogar uma partida de bilhar.

LOPAKHIN Ofélia, bela ninfa, inclua em suas orações os meus pecados...

LIUBOV ANDREIEVNA Bem, vamos, caminhando...já está quase na hora do jantar.

VÁRIA Como esse vagabundo me assustou! Meu coração ainda está batendo acelerado!

LOPAKHIN Não se esqueçam, senhores e senhoras, de que no dia 22 de agosto o jardim das cerejeiras será leiloado!...Pensem bem no assunto! (*Saem todos, Trofimov e Ânía ficam para trás.*)

ÂNIA (*gargalhando*) Graças aquele mendigo que assustou Vária, agora estamos a sós.

TROFIMOV Vária teme que nos apaixonemos, por isso não nos larga. A sua estreiteza de visão não lhe permite compreender que nós estamos acima do amor. Afastar de nós todas as coisas menores e enganosas, tudo o que nos impede de sermos verdadeiramente felizes – essa é a razão e o sentido da nossa vida. Seguir adiante! Caminhar rumo à estrela cintilante que brilha ao longe...é para lá que nós vamos. Adiante! Não desistam, amigos.

ÂNIA (*bate palmas*) Como o senhor fala bem! (*Pausa.*) Hoje está maravilhoso aqui, não é?

TROFIMOV Sim, o dia está uma beleza.

ÂNIA O que o senhor fez comigo, Pétia? Como é que eu já não gosto tanto do jardim das cerejeiras quanto antigamente? Pois eu o amava com tal carinho... acreditava que em toda terra não havia lugar mais bonito que o nosso jardim...

TROFIMOV A Rússia inteira é o nosso jardim! É uma terra bela e grande, e existem nela inúmeros lugares maravilhosos. (*Pausa.*) Imagine só, Ánia. O seu avô e o seu bisavô e todos os seus antepassados, eram senhores de servos, proprietários de almas vivas... de cada fruto desse jardim, de cada folha de árvore, de cada tronco, seres humanos que sofriam na servidão a estão observando. Não ouve as suas vozes? Ser dono de almas vivas fez de vocês gente diferente de todos os que viveram aqui outrora ou vivem agora, de modo que sua mãe e seu tio já nem percebem mais que vivem às custas de dívidas, por conta dos outros, de gente a quem vocês não permitem ultrapassar a porta de entrada. Vivemos num atraso de pelo menos duzentos anos. Pouco mais que nada aconteceu em nossa terra, não temos nenhuma atitude definida em relação ao passado...apenas filosofamos, queixamo-nos das nossas tristezas e bebemos vodca...No entanto é tudo tão claro!...Se quisermos de fato viver verdadeiramente o presente, então primeiro temos de expiar o passado, temos de liquidá-lo; e só podemos

expíá-lo com sofrimentos e um trabalho infatigável e intenso. Ánia, guarde bem isso na cabeça!

ÂNIA A casa onde moramos não nos pertencem há muito. Deixarei essa casa, juro!

TROFIMOV Se estiver com as chaves da casa atire-as neste poço e vá embora daqui. Seja livre como o vento...

ÂNIA (*arrebata*) Foi tão bonito o modo como disse!

TROFIMOV Acredite-me, Ánia, acredite-me! Ainda nem completei trinta anos, sou jovem ainda, sou estudante, mas como já sofri! Fome e miséria, doença e vadiagem...experimentei tudo, como os mendigos. O destino me atirava de um canto para o outro...Não obstante, em todo momento, dia e noite, minha alma estava cheia de um pressentimento secreto: pressinto a felicidade, Ánia, sei que ela virá...Já a vejo chegando...

ÂNIA (*pensativa*) A lua está nascendo...(Ouve-se Epikhodov tocar no seu violão a mesma melodia triste. A lua se eleva mais. De algum lugar, dentre choupos, a voz de Vária: “Ánia! Onde você está?!”)

TROFIMOV Sim, a lua sobe...(Pausa.) A felicidade está chegando... aproxima-se cada vez mais... já ouço seus passos. E se nós não a vissemos e não a conhecêssemos, o que importa? Outros a conhecerão! (Voz de Vária: “Ánia! Onde está você?”) É a voz de Vária (*Aborrecido*). É revoltante!

ÂNIA Deixe-a. Vamos descer até o rio. É tão bonito lá...

TROFIMOV Vamos. (*Saem os dois*)

A voz de Vária: “Ánia! Ánia!”

Cortina.

TERCEIRO ATO

Sala de visitas, separada do salão de jantar por um arco. O lustre está aceso. Do hall de entrada chega o som da orquestra judia já citada no segundo ato. É noite. No salão de jantar estão dançando a “grande ronde”. Voz de Simeon-Pichtchik: “Promenade à une paire!”

Entra dançando na sala de visitas o primeiro par, Pichtchik e Chartlotta Ivanovna, seguidos por Trfímov e Liubov Andreievna, Ânã e o chefe dos correios, Vária e o chefe da estação, e assim por diante. Vária chora baixinho e durante a dança enxuga as lágrimas. Do último par faz parte Duniacha. Eles atravessam a sala. Pichtchik dirige: “Grande ronde, balancez!” e “Lês cavaliers à genoux et remerciez vos dames!” Firs, de fraque, oferece água mineral gasosa numa bandeja. Pichtchik e Trofímov retornam à sala de visitas.

PICHTCHIK Sabe, eu sou muito sanguíneo, já tive dois ataques de apoplexia, e sendo assim, dançar é uma coisa difícil para mim, mas o que posso fazer? É preciso acompanhar os outros, uivar junto com os lobos... não é mesmo? Além do mais, a minha natureza se parece com a do cavalo. Meu falecido pai, que descansa em paz, gostava muito de brincar, e dizia sempre que os Simeonov-Pichtchik descendem em linhagem direta do cavalo que o imperador Calígula nomeou senador... *(Senta-se)* Minha única desgraça é nunca ter dinheiro. E o cão esfomeado só acredita na carne. *(Em um segundo está roncando, mas logo acorda.)* É isso... e eu só consigo falar em dinheiro...

TROFIMOV Efetivamente, em sua figura existe algo de equino.

PICHTCHIK E daí? O cavalo... é um animal muito útil... Por exemplo, pode ser vendido... *(Ouve-se jogarem bilhar na sala ao lado. No salão, sob o arco, aparece Vária)*

TROFÍMOV *(em tom de brincadeira)* Madame Lopakhin! Madame Lopakhin!

VÁRIA *(aborrecida)* Senhor desbotado!

TROFIMOV Sou sim e me orgulho disso!

VÁRIA *(medita com amargor)* Veja... Chamaram até músicos... depois, quem os pagará? *(sai.)*

TROFIMOV *(a Pichtchik)* Se tivesse empregado em algo melhor a energia com que a vida inteira correu atrás dos juros, poderia ter ajudado a mudar o mundo!

PICHTCHIK Aquele famoso filósofo, o tal Nietzsche... um grande sábio! Grande gênio! Numa obra ele diz que é lícito fabricar dinheiro falso.

TROFIMOV O quê? O senhor leu Nietzsche?

PICHTCHIK Eu não... Mas a minha filha, Dachenka, é quem diz. E neste momento estou numa situação em que até dinheiro falso eu fabricaria... Depois de amanhã terei de pagar trezentos e dez rublos... Cento e trinta já tenho... *(Apalpa os bolsos, solta um grito de horror.)* Santo Deus! Eu os perdi! Lá se foi o dinheiro! *(Chora.)* Ai, onde está o meu dinheiro... *(Exultante)* Achei-o. Ei-lo, o sem vergonha! Não é que escorregou para trás do forro? Puxa... Já estava suando frio.

Entram Liubov Andreievna e Charlotta Ivanovna.

LIUBOV ANDREIEVNA *(Cantarola em voz baixa a melodia da dança.)* Como esse Leonid está demorando! O que ele pode fazer tanto tempo na cidade? *(A Duniacha)* Duniacha, dê chá aos músicos.

TROFIMOV Talvez o leilão nem tenha sido realizado...

LIUBOV ANDREIEVNA Bem, talvez não fosse este o melhor momento para trazer os músicos e a promover uma festa... mas, meu Deus... agora já é tarde. *(Senta-se e cantarola em voz baixa)*

CHARLOTTA *(oferece um maço de baralho a Pichtchik)* Tome, por favor, este baralho... escolha uma carta, qualquer uma...

PICHTCHIK Pronto!

CHARLOTTA E agora, misture tudo. Assim... Agora me devolva o baralho, querido senhor Pichtchik. Ein, zwei, drei! A carta que o senhor escolheu está no bolso lateral do casaco. Veja!

PICHTCHIK *(tira a carta do seu bolso lateral.)* O oito de espadas! Realmente! *(Boquiaberto)* É inacreditável!

CHARLOTTA *(na palma da mão segura o baralho diante de Trofimov)* Me diga, por favor, rápido, qual é a carta que o senhor quer que fique em cima?

TROFIMOV Qual? Digamos... a dama de espadas!

CHARLOTTA Pronto! *(A Pichtchik)* E o senhor, quer qual?

PICHTCHIK O ás de copas!

CHARLOTTA Pronto! *(Dá uma palmada na mão e o baralho some)* Que tempo bonito temos hoje! *(Uma misteriosa voz feminina responde, como se viesse debaixo do assoalho: "Sim, senhorita, o dia está lindo!")* E a senhora está tão bonita hoje, querida... *(A voz: "Oh, também a senhorita está muito bonita!")*

O CHEFE DA ESTAÇÃO *(bate palmas)* Mas a senhorita é uma ótima ventríloca! Bravo, bravo!

PICHTCHIK É inacreditável! Querida Charlotta Ivanovna, estou simplesmente apaixonado pela senhora por causa desses...

CHARLOTTA Apaixonado? O senhor? *(Encolhe os ombros.)* E o senhor vai me dizer que é capaz de se apaixonar? Sabe, o senhor é do tipo *guter Mensch, aber schlechter Musicant...* *

TROFIMOV *(Bate no ombro de Pichtchik)* Bem, velho pangaré, recebeu o que merecia.

CHARLOTTA Por favor, peço-lhes um pouco de atenção para mais uma pequena atração! *(Pega uma manta que está sobre uma cadeira.)* Vejam, senhores esta bela manta. Está à venda. *(Agita-a)* Quem vai compra-la?

PICHTCHIK *(assombrado)* É inacreditável!

CHARLOTTA *Ein, zwei, drei!* *(Com uma puxada rápida ergue a manta estendida e aparece Ánia, que faz uma referência e corre para junto da mãe, abraçando-a, e em meio ao entusiasmo geral retorna ao salão correndo.)*

LIUBOV ANDREIEVNA *(Bate palmas)* Bravo, bravo!

CHARLOTTA Bem, mais uma vez! *Ein, zwei, drei!* *(Ergue a manta, atrás está Vária, que se curva.)*

PICHTCHIK *(pasmado)* É inacreditável!

CHARLOTTA Acabou-se! *(Atira a manta sobre Pichtchik, faz uma reverência e sai da sala a passos rápidos.)*

PICHTCHIK *(vai em seu encalço)* Que feiticeira! Espere! *(Sai.)*

* Boa pessoa, mas um péssimo músico.

LIUBOV ANDREIEVNA E Leonid que não chega! Não sei o que ele pode fazer tanto tempo na cidade! Já há muito, muito tempo tudo deve ter sido decidido... Ou venderam a propriedade ou não houve leilão!... Como ele pode me deixar tanto tempo nessa insegurança?

VÁRIA (*tenta consola-la*) *Com certeza foi o titio quem a comprou... tenho certeza disso!*

TROFIMOV (*irônico*) *Sem dúvida!*

VÁRIA A titia condessa mandou-lhe uma autorização para que comprasse a propriedade em seu nome e lhe passasse o débito. Decerto pretende doá-la a Ánia! Deus nos ajudará! Tenho certeza de que foi o titio quem comprou a propriedade.

LIUBOV ANDREIEVNA A tia Iaroslavl mandou-me quinze mil rublos e exigiu que a propriedade fosse comprada em seu nome. Não confia em nós. E infelizmente esse dinheiro não paga nem os juros! (*Esconde o rosto entre as mãos.*) A minha sorte se decide hoje.

TROFIMOV (*zombando de Vária*) Madame Lopakhin!

VÁRIA (*raivosamente*) Eterno estudante! Já foi expulso duas vezes da universidade!

LIUBOV ANDREIEVNA O que há de demais em ele chamá-la de madame Lopakhin, Vária? Deixe-o, Lopakhin é um bom homem, na minha opinião é até mesmo um homem interessante. Se não quiser, não se case com ele, aqui ninguém irá obrigá-la a esse casamento...

VÁRIA Mãezinha, confesso-lhe com sinceridade que penso nesse assunto seriamente... e Lopakhin me agrada também...

LIUBOV ANDREIEVNA Pois então se case com ele! O que está esperando? Não entendo.

VÁRIA Mas eu não posso ser tão oferecida! Faz dois anos que todo mundo só me fala dele... e ele... ele fica calado, ou no máximo desconversa com alguma brincadeira. Eu o compreendo, ele se dedica de corpo e alma aos negócios... a cada dia se enriquece mais e mais... por que iria se preocupar com uma moça pobre como eu?... Ai, se eu tivesse dinheiro!... qualquer quantia – mesmo que fossem só cem rublo... Abandonaria tudo e iria embora... para longe... iria para um convento.

TROFIMOV Que beleza!

VÁRIA (*a Trofimov*) Um velho candidato a filósofo como você poderia ser mais inteligente! (*Com uma voz enternecida e chorosa*) Pétia, como você está feio! Como envelheceu! (*A Liubov Andreievna, já sem lágrimas*) Não posso viver sem fazer nada, mãezinha, tenho sempre de estar ocupada com alguma coisa.

Entra Iacha.

IACHA (*mal se contendo em riso*) Epikhodov quebrou um taco! (*Sai.*)

VÁRIA O que faz aqui Epikhodov? E quem lhe permitiu jogar bilhar? Não entendo essa gente. (*Sai.*)

LIUBOV ANDREIEVNA Não zombe sempre dela, Pétia. Está vendo, a pobre já tem o suficiente para amargar.

TROFIMOV O problema dela é ser uma criatura de zelo excessivo e meter o nariz onde não é chamada. O verão inteiro passou grudada em nós, para que Ánia e eu não nos apaixonássemos! O que ela tem a ver com isso? Além do mais devo acrescentar que tal coisa nem me passou pela cabeça. Nós estávamos acima do amor.

LIUBOV ANDREIEVNA E eu, devo confessar-lhe, sempre estive muito abaixo dele, minha alminha! (*Um forte nervosismo toma conta dela.*) Mas por onde anda esse Leonid? Queria saber ao menos se venderam ou não a propriedade. Essa desgraça me parece tão inverossímil que

não sei o que pensar; estou desorientada. Seria capaz de gritar... de fazer alguma bobagem... Pétia, salve-me, diga alguma coisa... fale comigo... qualquer coisa.

TROFIMOV Que diferença faz se a propriedade for leiloadada hoje ou amanhã? Pois há muito tempo esse assunto está encerrado. Não é mais possível voltar atrás; o caminho se fechou. Acalme-se, querida senhora... Não devemos nos iludir... Ao menos uma vez na vida encare a verdade de frente!

LIUBOV ANDREIEVNA Que verdade? Talvez o senhor possa ver o que é verdade e o que não é, mas quanto a mim é como se eu simplesmente tivesse perdido a visão; não vejo nada. O senhor enfrenta com coragem todos os assuntos importantes e rapidamente toma decisões, mas diga-me, querido, isso não será tão fácil apenas porque o senhor ainda é jovem e não teve tempo de sofrer com quaisquer desses problemas? O senhor encara o futuro com coragem, mas talvez isso se deva ao fato de ser incapaz de ver nele algo de ruim, de esperar dele algo de ruim, pois a verdadeira vida ainda está oculta a seus olhos jovens. O senhor é mais corajoso, mais honrado, mais limpo que nós, mas reflita, seja generoso e tenha um pouco de compaixão por mim, só um pouco... Veja, eu nasci aqui, meus pais e também meus avós, todos viveram aqui... Amo esta casa; sem o jardim das cerejeiras a vida não tem sentido para mim, e se for necessário vendê-lo, que me vendam junto com ele. (*Abraça Trofimov e beija-o na testa.*) Foi aqui que meu filhinho se afogou... (*Chora.*) Tenha um pouco de compaixão por mim, você que é bom e generoso.

TROFIMOV Bem sabe que me compadeço da senhora de todo o coração...

LIUBOV ANDREIEVNA Sim, mas isso devia ser dito de outra maneira, totalmente diferente! (*Tira o lenço; do bolso um telegrama cai no chão.*) Estou tão triste hoje... o senhor nem pode imaginar. E aqui, essa música... o barulho... a cada ruído estremeço... todo o meu corpo treme... e não posso tampouco me recolher ao quarto, pois lá a solidão me atormentaria. Não me julgue, Pétia, gosto do senhor tanto quanto

meu próprio filho. De bom grado casaria Ánia com o senhor, juro, mas precisa estudar e concluir o curso... Acontece que o senhor nada faz; deixa que o destino o arraste de um lado para o outro, e no entanto sabe que isso não está certo, não é? E além disso, teria de fazer algo com essa barba... para que crescesse um pouco... (*Ri.*) É tão engraçado seu rosto assim sem barba...

TROFIMOV (*pega no chão o telegrama*) Não pretendo ser um Adonis...

LIUBOV ANDREIEVNA Telegrama de Paris... todos os dias recebo um. Recebi, ontem, hoje, todos os dias... Aquele homem mal está doente de novo, as coisa vão mal para ele. De novo pede perdão, suplica que eu volte para ele, e na verdade eu devia mesmo era voltar a Paris e ficar com ele durante algum tempo. O senhor está me olhando tão severamente, Pétia... mas o que pode se fazer querido? O que devo fazer? O que devo fazer? Aquele homem está doente, está sozinho e infeliz... Quem toma conta dele?... Quem cuida dele para que não volte a fazer bobagens? Quem lhe administra os remédios na hora certa? E, por que negá-lo? Amo aquele homem, é verdade, amo-o, amo-o. Esta pedra presa no meu pescoço é que me puxa para baixo, para dentro do redemoinho... Mas eu quero bem a esta pedra e não consigo viver sem ela... (*Aperta a mão de Trofimov.*) Não pense mal de mim, Pétia... não diga nada... nada.

TROFIMOV (*Entre lágrimas*) Mas, meu Deus... perdoe-me pela sinceridade... esse homem a despojou de todos os seus bens!

LIUBOV ANDREIEVNA Não, não, não... não fale assim, o senhor não deve dizer essas coisas. (*Tampa os ouvidos*)

TROFIMOV É um vigarista... A senhora é a única pessoa que ignora isso... é um sujeito reles... um patife.

LIUBOV ANDREIEVNA (*irritada, mas contendo-se*) O senhor, com vinte seis ou vinte sete anos, ainda fala como um ginasião.

TROFIMOV Não me importo!

LIUBOV ANDREIEVNA Na sua idade já é preciso ser um homem... devia compreender as pessoas que amam... e o senhor já devia estar amando alguém... Devia estar apaixonado, entende? *(Raivosamente.)* Sim, sim! Falta-lhe pureza... não passa de uma velha ressequida... uma figura caricata...

TROFIMOV *(espantado)* O que está dizendo!

LIUBOV ANDREIEVNA “Eu estou acima do amor!” Está coisa alguma, Pétia, o senhor é apenas – como costuma dizer o velho Firs? – um imprestável! Nessa idade e sem ainda uma amante!...

TROFIMOV *(Espantado)* É inacreditável! O que o senhor está me dizendo! *(Aperta com as mãos a cabeça, e corre para o salão.)* É terrível não posso suportar isso, vou embora daqui!... *(Sai, mas logo em seguida retorna.)* Entre nós está tudo acabado! *(Sai em direção ao hall de entrada.)*

LIUBOV ANDREIEVNA *(grita atrás dele)* Pétia, aonde vai? Não seja tão bobinho, estava só brincando! Pétia! *(Ouve-se alguém descer às carreiras a escadaria do hall de entrada e depois um rumor de um tombo... Lá fora Ánia e Vária dão um grito, mas depois se ouvem as suas gargalhadas.)* Que foi isso? Que foi que aconteceu? *(Entra Ánia correndo.)*

ÁNIA *(rindo)* Pétia voou escada abaixo. *(Sai correndo.)*

LIUBOV ANDREIEVNA Que criança grande é esse Pétia! *(O chefe da estação dirige-se ao centro do salão de jantar e lê um trecho da obra de A. K. Tolstoi intitulada “A pecadora”. Mal lê algumas linhas, chegam do hall de entrada uns primeiros compassos de uma valsa, e a leitura é imediatamente interrompida. Todos dançam. Entram vindos do hall, Trofimov, Ánia, Vária e Liubov Andreievna.)* Ora, ora, Pétia... Alma pura, perdoe-me, por favor... Venha, vamos dançar juntos... *(Dança com Pétia. Ánia e Vária dançam juntas. Entra Firs e encosta a bengala próximo a uma porta lateral. Entra também lacha, e observa os dançarinos.)*

IACHA Então, vovô, me conte as novidades.

FIRS Não me sinto nada bem. Antes só generais, barões e almirantes vinham dançar em nossas festas... Agora foram convidados o chefe dos correios e o chefe da estação, e eles não se sentem nem um pouco honrados com esse convite. E além disso estou cada vez mais fraco... a bem da verdade... Nosso falecido senhor, o avô, nos trata com um lacre, que servia para todos os tipos de doenças. Eu tomo, diariamente, há quase vinte anos tomo um pouquinho de lacre, e é graças a isso que estou mais ou menos vivo.

IACHA Vovô, você é um sujeito aborrecido! *(Boceja)* Por que não morre logo?

FIRS Vá... seu imprestável... *(Resmunga algo para si mesmo. Trofimov e Liubov Andreievna, depois de dançar no salão, entram em cena dançando.)*

LIUBOV ANDREIEVNA Merci! Vou me sentar um pouco. *(Senta-se)* Cansei-me

Entra Ánia.

ÁNIA *(agitada)* Um homem acaba de dizer na cozinha que o jardim das cerejeiras foi vendido no leilão!

LIUBOV ANDREIEVNA E quem o comprou?

ÁNIA Isso ele não disse. E já foi embora... *(dançando com Trofimov, sai em direção ao salão.)*

IACHA Foi conversa de um velho... um estranho...

FIRS E Leonid Andreitch que não chega! Ele saiu mal agasalhado... Pode pegar um resfriado. Ai, esses jovens cabeça-de-vento!

LIUBOV ANDREIEVNA Está tudo acabado! Iacha, vá e pergunte a quem foi vendido.

IACHA Mas o homem já se foi faz tempo... *(Solta uma gargalhada)*

LIUBOV ANDREIEVNA *(ligeiramente irritada)* O que é? Posso saber o que faz o senhor rir com tanta vontade?

IACHA Esse Epikhodov é uma figura muito engraçada. Sujeito bobo... Senhor Desgraça.

LIUBOV ANDREIEVNA Firs... O que vai ser de você... Para onde irá você se venderam a propriedade?

FIRS Aonde a senhora mandar.

LIUBOV ANDREIEVNA E você está abatido! Por quê? Está doente? Vá se deitar.

FIRS Já vou... *(Sorrindo.)* Mas se eu for me deitar, quem vai cuidar das coisas aqui, quem vai servir e tudo mais? Sou só eu para toda a casa.

IACHA *(a Liubov Andreievna)* Liubov Andreievna, permita-me. Caso vá de novo a Paris... leve-me com a senhora outra vez...faça isso por mim, por que não posso de modo algum ficar aqui. *(Olha ao redor e completa a meia voz.)* Pois a senhora decerto reconhece...este país ignorante e este povo ignóbil, e o tédio, e a comida horrível que nos dão na cozinha, e Firs, vagando por aí e resmungando coisas absurdas... A senhora me leva, não é? *(Entra Pichtchik.)*

PICHTCHIK Permita-me, meu anjo, convidá-la para uma valsinha só... *(Liubov Andreievna vai com ele em direção ao salão.)* Preciso ainda de cento e oitenta rublozinhos, querida... apenas cento e oitenta rublozinhos... se pudesse me emprestar... *(Dançando, ambos passam ao salão.)*

IACHA *(cantarola)* “Sabes que meu coração arde em chamas por ti?...”*(No salão uma figura de cartola cinza e roupa xadrez está pulando e gesticulando com os braços. Gritos: “Bravo, Charlotta Ivanovna!”)*

DUNIACHA *(pára e passa pó-de-arroz no rosto)* A senhorinha disse que eu também devo dançar, pois são muitos os dançarinos e poucas as damas... a dança me dá vertigens e me provoca palpitação. Imagine só, Firs Nikolaievitch, o que me disse há pouco o chefe dos correios... me fez perder a respiração! *(Cessa a música.)*

FIRS E o que pode ter dito?

DUNIACHA A senhora é como uma flor!

IACHA *(boceja)* Que ignorância! *(Sai)*

DUNIACHA Como uma flor!...É por que eu sou mesmo uma criatura fina... e gosto demais dessas palavras bonitas.

FIRS Cuidado para não lhe virarem a cabeça!

Entra Epikhodov.

EPIKHODOV A senhora, Avdotia Fiodorovna, não liga o mínimo para mim...Como se eu fosse um inseto nocivo...*(Suspira.)* Ai, que vida!

DUNIACHA O que quer de mim?

EPIKHODOV É claro, é claro, talvez tenha razão... sem dúvida. *(Suspira.)* Mas de qualquer modo, de certo ponto de vista talvez, perdoe-me, mas talvez possa lhe dizer... foi a senhora... não me queira mal... quem me pôs nesse estado. Eu conheço o meu destino. Todos os dias me acontece alguma... como posso dizer... alguma desgraça, mas a muito me acostumei com isso, e apenas sorrio. A senhora me deu a palavra, e eu, apesar de...

DUNIACHA Peço-lhe falaremos sobre isso mais tarde. Mas agora deixe-me em paz. Estou bem no meio de um sonho. (*Brinca com o leque.*)

EPIKHODOV Não faz mal, veja bem, todos os dias me atinge algum tipo de desgraça... mas eu... se posso me expressar assim, apenas sorrio, e até mesmo rio. (*Entra Vária, vinda do salão.*)

VÁRIA Semion, ainda aqui? Você não tem mesmo a menor decência! (*A Duniacha.*) Duniacha, vá saindo você também. (*A Epikhodov.*) Vai jogar bilhar e quebra o taco! E depois fica andando por aqui, de um lado para outro, como se fosse um convidado!

EPIKHODOV Perdoe-me, mas não lhe devo explicações.

VÁRIA Eu não estou lhe pedindo explicações, estou apenas lhe dizendo que você fica sempre andando dali para ali mas nunca faz nada. Gostaria de saber, para que precisamos de um contador, na verdade?

EPIKHODOV (*Com ar ofendido*) Se trabalho ou se passeio, como eu jogo bilhar, isso é da conta de gente mais velha e mais competente.

VÁRIA Você tem coragem de dizer tais coisas na minha cara? (*Ergue-se de um salto.*) Tais coisas? Que isso não me diz respeito? Suma-se daqui imediatamente, entendeu? Vá embora!

EPIKHODOV (*acovardado*) Peço-lhe... que use expressões mais suaves.

VÁRIA (*descontrolada*) Desapareça! Fora daqui, já! (*Epikhodov dirige-se à porta. Vária o segue.*) Senhor Desgraça, não quero mais vê-lo aqui! (*Epikhodov sai, ouve-se do outro lado da porta: "Vou contar à senhora".*) Ah, você ainda está aqui? (*Agarra o bastão que Firs encostou no canto. Sai correndo pela porta.*) Venha, venha, vou lhe mostrar... tome isto! Tome!... (*Golpeia para fora com o bastão; nesse instante entra Lopakhin.*)

LOPAKHIN Agradeço-lhe muito...

VÁRIA (*entra zangada e zombeteira*) Peço-lhe desculpas...

LOPAKHIN Oh, não foi nada. Meus agradecimentos pela acolhida amigável.

VÁRIA Não há de que. (*Afasta-se, olha ao redor, depois pergunta suavemente.*) Eu o machuquei?

LOPAKHIN De modo algum!... mas que vai inchar, isso vai... (*Ouvem-se vozes vindas do salão: "Lopakhin chegou... Iermolai Aleksêievitch!"*)

PICHTCHIK Vejam só quem vem aí! Seja bem-vindo, amigo! (*Trocam beijos.*) Puxa, você está cheirando a conhaque, meu querido, mas nós também nos divertimos a valer... (*Chega Liubov Andreievna.*)

LIUBOV ANDREIEVNA É o senhor, Iermolai Aleksêievitch? Por que demorou tanto? E onde está Leonid?

LOPAKHIN Leonid Andrêievitch veio comigo... logo estará aqui também...

LIUBOV ANDREIEVNA (*excitada*) E então, conte como foi! Houve o leilão? Fale, homem!

LOPAKHIN (*está embaraçado, receia revelar sua alergia*) O leilão terminou apenas às quatro horas...Perdemos o trem e tivemos de esperar pelo das oito e meia...(*Respira fundo.*) Ufa! E estou um pouco alto também...

Entra Gaiev, carregando na mão direita uns pacotinhos, com a mão esquerda enxugando as lágrimas.

LIUBOV ANDREIEVNA E então Lionia, quais são as novas? Fale! (*Está impaciente, quase chorando.*) Rápido, pelo amor de Deus!...

GAIEV *(Não responde, apenas dá de ombros; a Firs, chorando)* Tome, Firs...são anchovas e arenques...passei este maldito dia sem pôs nada na boca... como sofri! *(A porta da sala de bilhar está aberta, ouvem-se os estalos das bolas e a voz de lacha: “Sete e dezoito!” O rosto de Gaiev toma uma nova expressão. Já não chora mais.)* Estou terrivelmente cansado... Firs, me ajude a trocar de roupa. *(Sai atravessando o salão, rumo ao seu quarto. Firs o segue.)*

PICHTCHIK E que tal o leilão? Fale!

LIUBOV ANDREIEVNA Venderam o jardim das cerejeiras?

LOPAKHIN Venderam-no.

LIUBOV ANDREIEVNA E quem o comprou?

LOPAKHIN Eu o comprei. *(Pausa. Liubov Andreievna está descontrolada; segura-se à mesa para não cair. Vária desata da cintura o molho de chaves, atira-o ao chão no meio da sala e sai.)* Fui eu quem o comprou... sim... Perdoem-me os senhores e as senhoras... mas está sendo um pouco difícil falar, tenho a cabeça zonz... *(Ri.)* Foi assim... chagamos ao leilão... Deriganov já estava lá... em pessoa. Leonid Andreiêvitch tinha só quinze mil rublos, e Deriganov foi logo oferecendo trinta mil a mais do que o valor total da dívida. Percebo que a coisa é séria, então digo quarenta mil. Deriganov aumenta para quarenta e cinco e eu para cinquenta. Daí para frente ele foi oferecendo sempre cinco a mais e eu, para não deixar por pouco, dez a mais. Bem, por fim acabou... eu ofereci noventa mil... noventa mil e mais a dívida... e o leilão foi encerrado. O jardim das cerejeiras agora é meu! É meu! *(Ri às gargalhadas.)* Meu Deus, o jardim das cerejeiras agora é meu! Por que não dizem que estou bêbado, que enlouqueci, que tudo não passa de um sonho? *(Bate com o pé no chão.)* Não riam de mim!... se agora meu pai e meu avô pudessem sair do túmulo e ver até onde seu Iermolai chegou! Iermolai, que tanto apanhou, que mal aprendeu a ler e escrever, que corria descalço na neve em pleno inverno! Iermolai comprou a propriedade mais bonita, à qual nada se iguala neste mundo! Comprei as terras onde outrora meu pai e meu avô eram servos...

escravos que nem ao menos na cozinha podiam entrar... é possível isso?... Decerto estou dormindo e tudo não passa de um sonho... é apenas fruto da imaginação. Da imaginação, que é coberta pelas trevas do desconhecido. *(Pega no assoalho as chaves e sorri comovido.)* Vária atirou as chaves, quis mostrar que já não é mais a dona da casa. *(Faz as chaves tilintarem.)* Está bem! *(Ouvem-se os músicos afinando os instrumentos.)* Ei, vocês aí, toquem! Quero ouvi-los! Venham todos aqui!... Vejam como as machadadas de Iermolai Lopakhin derrubam as árvores do jardim das cerejeiras, como as cerejeiras caem aos montes!... Construiremos casas de veraneio aqui... os nossos netos e os netos deles conhecerão uma nova vida aqui... Músicos, toquem! *(A música começa, Liubov Andreievna desaba numa cadeira e chora amargamente.)*

LOPAKHIN *(num tom de censura)* Mas por que não quis me ouvir? Pobrezinha, querida, agora já não dá mais pra voltar atrás. *(entre lágrimas.)* Oh, que tudo passe o mais rápido possível; que essa nova pobre e infeliz vida mude de alguma forma, e o mais rápido possível...

PICHTCHIK *(toma Lopakhin pelo braço, a meia voz)* Chora, a coitadinha. Vamos para o salão, agora é melhor deixá-la sozinha... *(toma-o pelo braço e o leva ao salão.)*

LOPAKHIN Ei! O que é isso? Músicos, toquem mais alto! Daqui para frente todos dançarão conforme a minha música. *(Irônico)* Chegou o novo proprietário, o novo dono do jardim das cerejeiras!! *(Tropeça numa cadeira e quase derruba um candelabro.)* Pago tudo! *(Sai Pichtchik.)*

Não ficou ninguém no salão e nem na sala de visitas, exceto Liubov Andreievna, que sentada com o corpo encolhido chora amargamente. A música toca suave. Ánia e Trofimov entram apressados. Ánia se aproxima da mãe e cai de joelhos diante dela. Trofimov permanece debaixo do arco que separa a sala do salão.

ÂNIA Mãezinha! Não chore, querida e boa mãezinha, não chore, minha maravilhosa mãezinha... eu a amo tanto... eu a adoro! O jardim das cerejeiras foi vendido, o jardim das cerejeiras lá se foi... é verdade...

mas mesmo assim, para que chorar? Pois veja, você ainda tem a sua vida, e também essa alma nobre e pura... Venha comigo... venha, meu encanto. Vamos embora daqui... plantaremos para nós um novo jardim das cerejeiras, mais bonito ainda do que o velho, e você se afeiçoará a ele e compreenderá que foi melhor assim. Será feliz novamente, e a felicidade silenciosa e profunda iluminará sua alma como os raios do pôr-do-sol e você sorrirá novamente, mãezinha. Vamos embora daqui, minha querida... vamos... venha!

Cortina.

QUARTO ATO

A mesma decoração do primeiro ato. Já foram retirados os quadros e as cortinas; os poucos móveis que ainda restam na sala estão amontoados num canto, à espera de serem vendidos. Uma sensação de vazio emana de tudo. Junto à porta de saída e no fundo há valises, malas de viagem, pacotes amarrados, etc. A porta da esquerda está aberta, de lá chegam as vozes de Ánia e Vária.

Lopakin está parado à espera. lacha segura uma bandeja com taças cheias de champanhe. No hall de entrada Epikhodov passa uma correia em torno de uma grande mala. Atrás do cenário um murmúrio – os camponeses vieram se despedir. Voz de Gaiev: “Obrigado, irmãos, muito obrigado.”

IACHA Os camponeses vieram se despedir. Sou de opinião que eles são boa gente, mas de mente curta. Não acha Iermolai Aleksêievitch? *(Cessa o murmúrio. Vindos do hall de entrada, chegam Liubov Andreievna e Gaiev. Liubov Andreievna não chora, mas está muito pálida; o rosto treme e ela não consegue falar.)*

GAIEV De novo você lhes deu a sua bolsa, Liuba! Não precisava ter feito isso. Não devia ter feito isso!

LIUBOV ANDREIEVNA Não pude agir de outra maneira! Não pude... *(Saem ambos.)*

LOPAKHIN *(segue-os até a porta)* Por favor, queiram ter a gentileza! Uma taça de champanhe de despedida! Esqueci completamente de comprá-la na cidade, mas por sorte encontrei uma garrafa na estação. Façam o favor! *(Pausa.)* E então, senhores, a ninguém apetece? *(Volta-se da porta.)* Bem, se soubesse, nem esta garrafa teria comprado. Agora nem eu mesmo quero. *(Cuidadosamente, lacha deposita a bandeja sobre uma cadeira.)* Beba pelo menos você, lacha!

IACHA À saúde dos que estão partindo! Deus os proteja. Dias agradáveis para os que ficam! (*Bebe.*) Não é champanhe verdadeiro. Posso lhe assegurar.

LOPAKHIN Pois me custou oito rublos essa única garrafa. (*Pausa.*) Faz um frio danado aqui dentro!

IACHA Hoje não acendi a lareira, pois todos vamos viajar. (*Ri.*)

LOPAKHIN De que está rindo?

IACHA De nada. Estou rindo à-toa.

LOPAKHIN Já estamos em outubro mas lá fora ainda tem um sol fraco, como no verão. É um belo tempo para construir... (*Olha o relógio e depois em direção à porta.*) Senhores, não esqueçam: daqui a quarenta e sete minutos parte o trem. Em vinte minutos devemos tomar o rumo da estação. Por favor, apressem-se!

Do pátio entra Trofimov, de sobretudo.

TROFIMOV Acho que já é hora de partir. Os coches estão prontos. Sabe o diabo onde foram parar as minhas galochas. Justo agora elas tinham de sumir... (*Fala em direção à porta.*) Ânã, não encontro em parte alguma as minhas galochas!

LOPAKHIN Também tenho de ir. Viajo para Kharkov... Vou no mesmo trem. Passarei o inverno todo em Kharkov. Aqui só me ocupava de vocês o tempo todo, não fazia nada... Só conversa fiada... Não posso viver sem trabalhar, minhas mãos pendem como fardos... Como se nem pertencessem a mim.

TROFIMOV Estamos partindo, e portanto o senhor poderá iniciar suas produtivas atividades.

LOPAKHIN Vamos, tome um cálice!

TROFIMOV Não, obrigado.

LOPAKHIN Ouvi dizer que vai para Moscou.

TROFIMOV Sim. Acompanharei os outros até a cidade e amanhã seguirei para Moscou.

LOPAKHIN Claro... decerto na universidade os professores só o estão esperando... não darão início às aulas enquanto você não chegar.

TROFIMOV Isso não é da sua conta, entendeu?

LOPAKHIN Mas me diga, há quantos anos mesmo você cursa a universidade?

TROFIMOV Invente algo mais novo. Isso é velho e já perdeu a graça. (*Procura as galochas.*) Aliás, veja, dificilmente nos encontraremos de novo nesta vida, assim gostaria de lhe dar um bom conselho. Não gesticule tanto com os braços! Pare com esse mau hábito. E aquela construção, seria melhor se parasse com ela; também ela não passa de gesticulação; os seus famosos veranistas nunca serão bons fazendeiros, não sonhe com isso... Bem... De qualquer maneira... gosto de você. Suas mãos são tão finas e delicadas... são como as mãos de um artista... decerto sua alma também é fina e delicada.

LOPAKHIN (*abraça-o*) Deus o abençoe, meu querido. Agradeço-lhe pelas belas palavras. Se precisar de um dinheirinho para a viagem, estou às ordens.

TROFIMOV Para que eu necessitaria de dinheiro? Não me faz falta.

LOPAKHIN Mas você está sem nenhum.

TROFIMOV Como não? Pagaram-me os honorários pela tradução de um livro. Está aqui no bolso. (*Com voz preocupada.*) Se encontrasse as galochas...

VÁRIA *(do outro quarto)* Tome as suas queridas galochas! *(Atira as galochas em cena.)*

TROFIMOV Por que está tão brava, cara Vária?... E além do mais estas nem são as minhas galochas...

LOPAKHIN Na primavera plantei mil hectares de papoula e ganhei quarenta mil rublos redondos com ela. Sabe... quando todas aquelas papoulas estavam em flor, que belo quadro elas formavam! Ganhei quarenta mil rublos, como disse, portanto se me ofereço para lhe emprestar dinheiro é porque posso fazê-lo. Por que esse orgulho? É verdade, sou um simples camponês...

TROFIMOV Seu pai era camponês, o meu, boticário... mas... nada disso faz diferença *(Lopakhin tira a carteira.)* Deixe, deixe. Se quisesse me dar duzentos mil, mesmo assim não os aceitaria. Sou um homem livre e não me importo nem um pouco com aquilo a que vocês, pobres e ricos, dão tanto valor. Para mim isso não representa nada, é como a pluma que o vento carrega. Não preciso de vocês, eu me sustento sem a sua ajuda, pois sou forte e orgulhoso. A humanidade caminha em direção à grande verdade, à suprema felicidade que pode existir na terra... e eu quero estar nas primeiras fileiras...

LOPAKHIN Você chegará lá!

TROFIMOV Sim. *(Pausa.)* Vou chegar... ou pelo menos mostrarei o caminho aos outros... *(Ao longe ouve-se o som de machados golpeando as árvores.)*

LOPAKHIN Então adeus, meu querido. Agora já está na hora de ir andando. Aqui estamos nós com o nosso orgulho, e a vida vai seguindo seu caminho. Quando me ponho a trabalhar para valer, meus pensamentos ficam mais claros, e então até me parece que sei para que existo. Mas veja, quantos homens vivem aqui na Rússia, dos quais não se pode saber por que estão vivos! Bem, não importa, o funcionamento das coisas não depende disso... Dizem que Leonid Andreiêvitch aceitou um emprego no banco e vai receber seis mil rublos

por ano... Espero que tenha persistência, pois é de raça muito preguiçosa...

ÂNIA *(da porta)* Mãezinha pede que não comecem a cortar as árvores enquanto ela não tiver partido.

TROFIMOV De fato! Será possível tanta falta de tato? *(Sai, atravessando o hall de entrada.)*

LOPAKHIN Agora mesmo... agora mesmo... Que gente! *(Segue-o.)*

ÂNIA Firs já foi levado para o hospital?

IACHA Falei com eles de manhã. Acho que já devem tê-lo levado.

ÂNIA *(a Epikhodov, que atravessa a sala)* Por favor, verifique se Firs já foi levado para o hospital.

IACHA *(ofendido)* Estou dizendo que falei com legor! Para que perguntar dez vezes?

EPIKHODOV Na minha opinião, o velho Firs não vai ter concerto, com o perdão da palavra. Tenho firme convicção disso. Ele deverá ir se juntar aos seus antepassados, o que aliás só me faria inveja. *(Deposita uma das malas sobre uma caixa de chapéu, o que faz com que a tampa da caixa se quebre.)* Aí está... Tinha de acontecer! *(Sai.)*

IACHA *(zombando)* Senhor Desgraça!

VÁRIA *(do outro lado da porta)* Levaram Firs para o hospital?

ÂNIA Sim.

VÁRIA E por que então não anexaram a carta para o médico?

ÂNIA Vou mandá-la já, para ver se os alcança... *(Sai.)*

VÁRIA *(do quarto ao lado)* Onde está lacha? Digam-lhe que sua mãe está aqui, quer se despedir dele.

IACHA *(faz um gesto com a mão)* Acabo perdendo a calma! *(Durante todo esse tempo Duniacha cuidava das malas; agora que lacha ficou sozinho no palco, aproxima-se dele.)*

DUNIACHA Se uma única vez olhasse para mim. lacha! Vai partir... e me deixa aqui sozinha! *(Chorando, Lança-se sobre lacha.)*

IACHA Para que essa choradeira? *(Bebe champanhe.)* Mais seis dias e estarei em Paris! Amanhã tomaremos o trem expresso e num instante já estaremos longe! Nem posso acreditar! *Vive la France!* Não me agrada isto aqui, não posso viver assim, cercado por essa ignorância. Para mim chega. *(Bebe.)* Pare de chorar. Comporte-se direito daqui para frente e assim não terá razão para choradeira.

DUNIACHA *(passa pó-de-arroz no rosto, olha-se no espelho)* Escreva-me de Paris... Pois eu o amava tanto lacha, tanto! E me tornei uma criatura tão sensível, lacha...

IACHA Estão vindo! *(Cantarola em voz baixa e se ocupa com as bagagens.)*

Entram Liubov Andreievna, Gaiev, Ánia e Charlotta Ivanovna.

GAIEV Devemos partir. Temos pouco tempo. *(Olha para lacha.)* Quem está cheirando a areneque?

LIUBOV ANDREIEVNA Dentro de dez minutos já não estaremos aqui... *(Com o olhar acaricia a sala.)* Adeus, meu velho e querido lar! Passará o inverno e quando chegar de novo a primavera você desaparecerá da face da terra... será demolido! Quanta coisa viram estas paredes! *(Beija a*

filha com carinho.) Minha querida filhinha, meu tesouro! Como você resplandece... Os olhos são como dois diamantes... Você está feliz, não é? Sim?

ÁNIA Oh, muito, mãezinha, muito! Pois uma nova vida começa agora!

GAIEV *(contente)* De fato, agora está tudo bem, Enquanto não leiloaram o jardim das cerejeiras todos estávamos tão nervosos, tão infelizes... E agora, quando a questão está definida e não se pode mais mudá-la, de repente nos acalmamos e até sorrimos... Eu, por exemplo, tornei-me funcionário de banco, um perfeito financista... Direto na caçapa! E você, Liuba, está também mais satisfeita, não há dúvida.

LIUBOV ANDREIEVNA É verdade, meus nervos estão bem melhores. *(Entregam-lhe o chapéu e a capa.)* Durmo melhor, também. lacha, leve as malas para o carro. Está na hora. *(A Ánia.)* Breve voltaremos a nos ver, querida filhinha. Agora viajarei a Paris. Por enquanto o dinheiro que a titia de Iaroslavl mandou para a compra da propriedade será suficiente... Que Deus pague à boa titia, mas penso que esse dinheiro não durará muito...

ÁNIA Aí então você volta... o quanto antes. Não é, mãezinha? Desde já estarei me preparando para esse momento. Terminarei o colégio e trabalharei com afinco para sustentá-la. E juntas vamos ler todo tipo de livros bonitos, não é? *(Beija a mão da mãe.)* Nas longas noites de outono vamos ler muito livros, um mundo de fantasia se abrirá diante de nós... *(Pensativa)* Você volta logo, não é, mãezinha?

LIUBOV ANDREIEVNA É claro, meu tesouro, é claro... Voltarei para casa junto a você... *(Abraça-a.)*

Entra Lopakhin, Charlotta cantarola uma canção a meia voz.

GAIEV Criatura de sorte, essa Charlotta, consegue até cantar numa hora dessas!

CHARLOTTA *(abraça uma das trouxas, como se fosse um bebê.)* Durma, pequeno, durma! *(Ouve-se um choro de criança: Uaa! Uaa! Uaa!)* Quietinho, meu pequeno, quietinho, meu nenezinho. *(Uaa!... Uaa!)* Tenho tanta pena dele! *(Atira a trouxa no meio das outras coisas. A Lopakhin.)* Os senhores me ajudarão a encontrar um emprego qualquer, não é? Afinal, não posso ficar vadiando por aí!

LOPAKHIN É claro, é claro, Charlotta Ivanovna, pode ficar descansada.

GAIEV Todos estão nos deixando... Vária também vai partir... de repente não precisam mais de nós.

CHARLOTTA Mas o que eu faria na Cidade com os senhores? Bem, pego a minha trouxa e sumo. *(Cantarola.)* Tanto faz...

Entra Pichtchik.

LOPAKHIN O fenômeno da natureza!

PICHTCHIK *(ofegante)* Deixem-me respirar primeiro... estou exausto... Gente boa... me dêem água...

GAIEV Decerto veio pedir dinheiro, não é? Muito obrigado, já nem estou mais aqui. *(Sai.)*

PICHTCHIK Já faz um tempinho que não venho aqui, gentil senhora. *(A Lopakhin.)* Você por aqui também? Estou contente por vê-lo, grande intelecto. Tome... *(Entrega um dinheiro a Lopakhin.)* Quatrocentos rublos. Restam ainda oitocentos e quarenta. Vai recebê-los também.

LOPAKHIN *(encolhe os ombros, boquiaberto)* Se isso não for sonho... Onde você arrumou este dinheiro?

PICHTCHIK É uma história totalmente doida e estranha. Chegam nas minhas terras uns ingleses, começam a cavoucar e encontram uma argila branca... *(A Liubov Andreievna.)* Tome, criatura lindíssima, devo-

lhe também quatrocentos. *(Dá-lhe dinheiro.)* O resto, mais tarde. *(Bebe água.)* Há pouco, no trem, um jovem falou de um grande filósofo que nos sugere pularmos do telhado. "Pule!" - diz, "que o problema é unicamente esse." *(Perplexo.)* Pois então! Dêem-me mais água!

LOPAKHIN Que espécie de ingleses são esses?

PICHTCHIK Já vou lhe contar. Simplesmente se apresentaram na minha casa... e alugaram por vinte e quatro anos a área argilosa... pagaram na hora... Mas agora tenho de correr a Znoikov e a Kardanov... devo aos dois... *(Bebe.)* Na quinta-feira apareço de novo!

LIUBOV ANDREIEVNA Só que nós já teremos nos mudado daqui. Estamos indo para a cidade e amanhã eu vou para o estrangeiro.

PICHTCHIK O quê? *(Asustado.)* Aonde?... Vão para a cidade? É claro... verdade... os móveis e as malas... Bem, o que se há de fazer? *(Entre lágrimas.)* O que se há de fazer? Mas esses ingleses! São incrivelmente inteligentes! O que se há de fazer? Bem, então sejam felizes... Deus os protegerá. O que se há de fazer? Tudo neste mundo tem um final... *(Beija a mão de Liubov Andreievna.)* Se um dia ouvirem que, hum... que bati as botas... lembrem-se deste cavalo e digam bem devagarinho: "Um dia existiu nesta terra um certo Simeonov-Pichtchik!... Que Deus o tenha!"... Que belo tempo faz hoje, não é? *(Muito agitado, sai; da porta olha para trás.)* Dachenka manda lembranças a todos, de coração! *(Sai.)*

LIUBOV ANDREIEVNA Agora já devemos mesmo partir. Mas ainda duas coisas me preocupam. Primeiro Firs que está doente... *(Olha o relógio.)* Ainda nos restam cinco minutos.

ÂNIA As coisas com Firs estão em ordem, mãezinha. Hoje pela manhã lacha mandou levá-lo para o hospital.

LIUBOV ANDREIEVNA Minha segunda preocupação é Vária. Está

acostumada a levantar cedo todos os dias e trabalhar, e agora, sem ocupação, está como um peixe fora da água. Pobre moça, só chora... Emagreceu muito e está pálida... *(Pausa.)* Iermolai Aleksêievitch, o senhor também devia estar vendo isso... eu sempre imaginava que fariam um par... e parecia que o senhor nada tinha contra... *(Segreda algo a Ánia, esta faz um sinal para Charlotta e ambas desaparecem.)* O senhor agrada a Vária, e ela também não é indiferente ao senhor. Eu não sei, não sei mesmo, a razão por que, sendo assim, um se desvia do outro. Simplesmente não entendo!

LOPAKHIN Para dizer a verdade, eu também não entendo. Tudo é tão maluco, tão estranho... Pois se ainda não for tarde demais eu estou pronto agora mesmo para... Vamos cuidar disso, já. Mas se a senhora não ajudar, sinto que nunca conseguirei pedir a mão dela.

LIUBOV ANDREIEVNA Ótimo! Tudo não leva mais de um minuto! Mandarei chamar Vária!

LOPAKHIN Pelo menos temos até champanhe... *(Examina as taças.)*. Puxa! Estão todas vazias... souberam aproveitar a oportunidade... *(lacha tosse.)* Algum malandro de boca funda...

LIUBOV ANDREIEVNA *(vivamente)* Será magnífico! Nós agora vamos nos retirar...lacha, *allez!* Eu mando chamar Vária. *(Grita para além da porta.)* Vária! Deixe tudo como está e venha aqui rápido! *(Sai, acompanhada de lacha.)*

LOPAKHIN *(olha o relógio)* Sim... *(Pausa. De detrás da porta ouvem-se risos sufocados e sussurros. Por fim Vária entra.)*

VÁRIA *(faz como se procurasse algo no meio dos embrulhos)* Que estranho... Não encontro em parte alguma...

LOPAKHIN Está procurando o quê?

VÁRIA Fui eu mesma que guardei, e agora não sei onde... *(Pausa.)*

LOPAKHIN O que pretende fazer agora, Várvara Mikhailovna?

VÁRIA Eu? Empreguei-me na casa dos Ragulin. Serei governanta... ou algo assim...

LOPAKHIN Eles moram em Iasniewo, não é?... A setenta verstas daqui, apenas... *(Pausa.)* Bem, assim sendo, tudo terminou nesta casa.

VÁRIA *(continua a procurar)* Mas onde se meteu?... Talvez esteja na mala grande... Sim, para mim a vida nesta casa terminou...

LOPAKHIN E eu irei a Kharkov. Agora mesmo, neste trem. Negócios... Deixo Epikhodov aqui... eu o encontrarei...

VÁRIA É mesmo?

LOPAKHIN No ano passado nevava por esta época, lembra? E agora temos um outono tão ensolarado e bonito. Apenas um pouco fresco... hoje de manhã fez três graus abaixo de zero...

VÁRIA Não olhei... *(Pausa.)* De qualquer modo, o nosso termômetro está quebrado. *(Pausa.)*

UMA VOZ *(vinda do pátio, pela porta)* Iermolai Aleksêievitch!

LOPAKHIN *(como se há muito estivesse aguardando esse chamado)* Já vou indo, já vou! *(Sai apressado. Vária senta-se no assoalho, descansa a cabeça sobre a trouxa de roupas de cama e soluça em silêncio. A porta se abre. Cuidadosamente, entra Liubov Andreievna.)*

LIUBOV ANDREIEVNA Então?... *(Pausa.)* Temos de partir.

VÁRIA *(pára de chorar, enxuga as lágrimas)* Sim mãezinha, está na hora. Chegarei nos Ragulin ainda hoje, se não perdemos o trem...

LIUBOV ANDREIEVNA *(grita para além da porta)* Ánia, vista o casaco!

Entra Ánia, seguida de Gaiev e Charlotta Ivanovna. Gaiev está usando um sobretudo com capuz. Criados, cocheiros. Epikhodov se ocupa das bagagens.

LIUBOV ANDREIEVNA Já podemos nos pôr a caminho.

ÁNIA *(com alegria)* A caminho!

GAIEV Amigos, caros, bons amigos! No momento de abandonarmos esta casa para sempre, como deixar de pronunciar algumas palavras de despedida? Perdoem-me, mas devo expressar os sentimentos que hoje inundam todo o meu ser...

ÁNIA *(suplicando)* Tio, por favor...

VÁRIA Titio, pare com isso!

GAIEV *(abatido)* Está bem... um bola direto na caçapa do fundo... já me calei... *(entra Trofimov, seguido por Lopakhin.)*

TROFIMOV Vamos, senhoras e senhores, está mais do que na hora!

LOPAKHIN Epikhodov, o meu sobretudo!

LIUBOV ANDREIEVNA Deixem-me ficar sentada mais um segundo. Estas paredes... Este teto que nos cobre, agora de repente os contemplo com tanta avidez e tanta ternura, como se nunca os tivesse visto...

GAIEV Recordo-me... podia ter seis anos... Era dia de Pentecostes... Estava sentado aqui no parapeito da janela vendo meu pai sair para a igreja...

LIUBOV ANDREIEVNA Está tudo colocado no carro direitinho?

LOPAKHIN Acho que, sim... *(A Epikhodov, que o ajuda a vestir o sobretudo.)* Tome cuidado para que tudo esteja em ordem.

EPIKHODOV *(com voz rouca)* Pode ficar descansado, Iermolai Aleksêievitch.

LOPAKHIN E por que você está rouco?

EPIKHODOV Estava tomando água e engasguei.

IACHA *(com desprezo)* Que falta de cultura!

LIUBOV ANDREIEVNA Partiremos, e depois da nossa ida não restará vivalma por aqui...

LOPAKHIN Pois é, até a próxima primavera!

VÁRIA *(tira de uma trouxa um guarda-chuva. Por um instante esse gesto dá a impressão de que ela pretende golpear alguém; Lopakhin finge assustar-se)* Ora! Levou um susto porque? Não ia lhe fazer mal... nem me passou pela cabeça...

TROFIMOV Senhores, vamos subir nos coches, rápido! Senão perderemos o trem!

VÁRIA Pétia, olhe aqui as suas galochas... junto à mala. *(Entre lágrimas)* Pobres galochas, velhas e maltratadas!

TROFIMOV *(calça as galochas)* Senhoras e senhores, é hora de partir!

GAIEV *(muito emocionado, a custo contém as lágrimas)* Ao trem... À estação... direto a caçapa do canto...

LIUBOV ANDREIEVNA Vamos!

LOPAKHIN Estão todos aqui? Não ficou ninguém em casa? *(Fecha à chave a porta da esquerda)* Os moveis estão aqui. É preciso fechar. Podemos ir.

ANIA Adeus, casa querida! Adeus vida velha!

TROFIMOV Viva a vida nova! *(Sai com Ánia. Vária lança mais um olhar pela sala, depois sai lentamente. Seguem-na lacha e Charlotta com o cachorrinho.)*

LOPAKHIN Então até a primavera, senhores e senhoras! *(Sai. Liubov Andreievna e Gaiev ficam sozinhos. Como se estivessem apenas esperando por esse momento, lançam-se um nos braços do outro e rompem em soluços que logo reprimem para não serem ouvidos lá fora.)*

GAIEV *(desesperado)* Minha irmã... minha querida e boa irmãzinha...

LIUBOV ANDREIEVNA Oh, meu belo, maravilhoso e querido jardim! Minha vida... minha juventude... Adeus. Adeus!

A VOZ DE ÂNIA *(alegre, chamando)* Mamãe!

A VOZ DE TROFIMOV *(alegre e excitado)* Uuu!

LIUBOV ANDREIEVNA Deixe-me contemplar pela última vez estas paredes... estas janelas... Como minha pobre mãe gostava desta sala!

GAIEV Minha irmã, minha irmãzinha...

A VOZ DE ÂNIA Mãezinha.

A VOZ DE TROFIMOV Uuu!

LIUBOV ANDREIEVNA Já estamos indo... Estamos indo! *(saem. O palco está vazio. Ouvem-se fechar todas as portas à chave, por fora, e depois os coches partem. Faz-se silêncio, quebrado apenas pelo som monótono e surdo das machadadas nas cerejeiras.)*

Ouvem-se passos. Firs aparece na porta da direita como sempre está de roupa preta com um colete branco. Calça chinelos. Está doente.

FIRS *(com passos miúdos aproxima-se da porta da entrada; pressiona a maçaneta)* Fechada... Foram-se embora... *(Senta-se no divã)* Esqueceram-me aqui. Não faz mal... Ficarei aqui sentado... Com certeza Leonid Andréievitch de novo não lembrou de pôr o casaco de pele. Deve ter partido vestindo só a capa... *(Suspiro profundo.)* Esses jovens descuidados... E eu sem poder recomendar-lhe... *(Deita-se.)* Vou deitar aqui um pouco... Pobre de ti, velho, já não te resta mais força... não te resta nada... nada mesmo... Ah, velho dorminhoco... *(Permanece deitado, imóvel.)*

Ouve-se um som distante, como que vindo do céu, o ressoar da corda de um instrumento se rompendo, morrendo, triste. Depois resta o silêncio profundo, que só é interrompido pelo som surdo de machadadas, vindo do jardim.

Cortina.

Banco de Textos



Equipe de digitação

Ana Alice Fonseca
Caroline Brandão
Cássia Carneiro
Clarissa Nápoli
Fabiana Milhas
Francis Strappa
Janaína Amorim
Joana Coelho
Kika Azevedo
Kiko Ferreira
Marcela Augusto
Márcia Gil-Braz
Rafael Cabral
Roberto Passos Filho
Roberto Salles
Sandra Batista
Thiago Mariano

Revisão

Ana Alice Fonseca
Daniela Onnis
Roberto Salles

Supervisão

Roberto Salles